



UNIVERSIDAD FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO – CCSB
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA
PORTUGUESA

FRANCIANE COSTA SILVA

**VARIAÇÕES LEXICAIS EM DESIGNAÇÕES PARA A PALAVRA “UMBANDISTA”
A PARTIR DOS USOS LINGÜÍSTICOS DE MORADORES DE SÃO BERNARDO
(MA)**

SÃO BERNARDO (MA)
2026

FRANCIANE COSTA SILVA

**VARIAÇÕES LEXICAIS EM DESIGNAÇÕES PARA A PALAVRA “UMBANDISTA”
A PARTIR DOS USOS LINGÜÍSTICOS DE MORADORES DE SÃO BERNARDO
(MA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciência de São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

SÃO BERNARDO (MA)
2026

Silva, Franciane Costa.

VARIAÇÕES LEXICAIS EM DESIGNAÇÕES PARA A PALAVRA
UMBANDISTA A PARTIR DOS USOS LINGÜÍSTICOS DE MORADORES DE
SÃO BERNARDO MA / Franciane Costa Silva. - 2026.

81 p.

Orientador(a): Thiago de Sousa Amorim.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, Sao
Bernardo, 2026.

1. Variação Lexical. 2. Umbandista. 3.
Sociolinguística. 4. Estigmas. 5. Representações
Sociais. I. Amorim, Thiago de Sousa. II. Título.

FRANCIANE COSTA SILVA

**VARIAÇÕES LEXICAIS EM DESIGNAÇÕES PARA A PALAVRA “UMBANDISTA”
A PARTIR DOS USOS LINGÜÍSTICOS DE MORADORES DE SÃO BERNARDO
(MA)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciência de São Bernardo, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim (UFMA)
Presidente

Prof. Me. Rômulo Silvestre Quaresma Mendes (IFPI)
Avaliador Externo

Prof. Ma. Maria do Socorro Nascimento da Costa (UFMA)
Avaliadora Interna

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem ele nada disso seria possível. Tudo aconteceu mediante sua permissão e sua vontade. Somente ele conhece as noites de dedicação, os desafios enfrentados, as lágrimas derramadas, as angústias e as dificuldades superadas para que eu chegasse até aqui. A ele, toda honra, toda glória e toda gratidão.

À minha família, que foi meu alicerce durante toda essa jornada, expresso minha mais sincera gratidão. Em especial, ao meu esposo, que esteve ao meu lado desde o momento da matrícula na UFMA, até a concretização deste sonho. Seu apoio, incentivo e companheirismo foram fundamentais para que eu não desistisse.

À minha mãe, meu porto seguro, deixo meu eterno agradecimento. Foi ela quem me deu a vida e, juntamente com as bênçãos de Deus, me ensinou a acreditar em mim mesma. Seu amor, suas palavras de incentivo e sua confiança em minha capacidade sempre me fortaleceram e me fizeram acreditar que eu poderia alcançar meus objetivos.

À minha irmã, que compartilhou comigo essa jornada acadêmica desde o ingresso na universidade e que, se Deus permitir, também concluirá esta etapa ao meu lado. Obrigada pela parceria, pelo apoio e por todos os momentos vividos durante essa caminhada.

Aos meus cachorrinhos, filhos do coração, em especial, ao meu cachorrinho Tobias, que partiu durante esta caminhada. Embora a saudade permaneça, acredito que agora ele descansa nos braços do Pai. Obrigada por todo o amor, a lealdade e a alegria que trouxe à minha vida. Você viverá para sempre em meu coração.

Às minhas colegas de curso, Daniele e Mirela, que foram verdadeiros presentes em minha trajetória na UFMA. Vocês me acolheram, me apoiaram e fizeram com que essa caminhada se tornasse mais leve. Sem a amizade e o incentivo de vocês, essa experiência certamente não teria sido tão satisfatória.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim, minha profunda gratidão pela dedicação, pela paciência e pela condução deste trabalho. Sua competência, educação, humanidade e comprometimento foram essenciais para a realização desta pesquisa. Muito obrigada por acreditar em meu potencial e por contribuir de maneira tão significativa para minha formação acadêmica.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, Professor Rômulo Silvestre Quaresma Mendes e Professora Maria do Socorro, por terem aceitado, de prontidão, participar deste momento tão importante. E, por fim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta,

contribuíram para a realização desta pesquisa e para a concretização deste sonho. Este trabalho também é de vocês. A todos, o meu mais sincero agradecimento.

“Numa época em que a discriminação em termos de raça, cor, religião ou sexo não é publicamente aceitável, o último baluarte da discriminação social explícita continuará a ser o uso que uma pessoa faz da língua.”
(James Milroy)

RESUMO

Este trabalho monográfico tem o objetivo de investigar a variação lexical relativa às denominações atribuídas ao termo “umbandista” no repertório linguístico de falantes nativos de São Bernardo (MA). Para compreender esses usos, buscou-se: a) identificar as palavras e expressões que designam o termo “umbandista” no léxico regional bernardense; b) analisar o uso dessas diferentes designações como manifestação da diversidade linguística, a considerar as variáveis sociais como gênero, idade e escolaridade; c) verificar como tais variações lexicais refletem percepções, estigmas ou valorização relacionados à identidade do praticante de umbanda. Desse modo, para compreender essas ocorrências na localidade selecionada, foi elaborado um Questionário Semântico-Lexical (QSL), baseado na seção “Religiões e Crenças” do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A pesquisa caracteriza-se como de campo, tendo a cidade de São Bernardo (MA) como lócus de investigação, por intermédio de 24 informantes, divididos igualmente entre o sexo feminino e masculino, todos residentes da zona urbana. Teoricamente, esta pesquisa centra-se na Sociolinguística, por meio dos estudos de Coelho *et al.* (2010; 2015), Labov (2008), Alkmin (2012), Bortoni-Ricardo (2014), Freitag (2011), dentre outros autores. E, para tratar de alguns estudos baseados no léxico, abordamos os trabalhos de Razky, Coimbra e Costa (2017), de Araújo (2023), que evidenciam a riqueza e a diversidade do léxico do português brasileiro. Os resultados deste estudo revelam que o repertório linguístico bernardense possui uma ampla variedade de variantes lexicais, e que fatores como gênero, idade e escolaridade influenciam parcialmente a escolha delas, embora as representações sociais e culturais compartilhadas pela comunidade tenham se mostrado elementos determinantes na seleção lexical. Além disso, foi possível observar a presença de estigmas, preconceitos e tímidos processos de valorização associados aos praticantes da Umbanda na localidade.

Palavras-chave: variação lexical; umbandista; sociolinguística; estigmas; representações sociais.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo investigar la variación léxica relacionada con los nombres dados al término “umbandista” en el repertorio lingüístico de hablantes nativos en São Bernardo (MA). Para comprender estos usos, se buscó lo siguiente: a) identificar y registrar las palabras y expresiones que designan el término "umbandista" en el léxico regional de São Bernardo; b) analizar el uso de estas diferentes designaciones como una manifestación de diversidad lingüística, considerando variables sociales como género, edad y educación; c) verificar cómo dichas variaciones léxicas reflejan percepciones, estigmas o valoraciones relacionadas con la identidad del practicante de umbanda. Por lo tanto, para comprender estas ocurrencias en la localidad seleccionada, se desarrolló un Cuestionario Semántico-Léxico (CSL), basado en la sección “Religiones y Creencias” del Atlas Lingüístico de Brasil (ALiB). Esta investigación se caracteriza por ser de campo, con la ciudad de São Bernardo (MA) como lugar de estudio, a través de 24 informantes, divididos equitativamente entre hombres y mujeres, todos residentes del área urbana. Teóricamente, esta investigación se centra en la sociolingüística, a través de los estudios de Coelho *et al.* (2010; 2015), Labov (2008), Alkmin (2012), Bortoni-Ricardo (2014), Freitag (2011), entre otros autores. Y, para abordar algunos estudios basados en el léxico, nos remitimos a los trabajos de Razky, Coimbra y Costa (2017) y Araújo (2023), que resaltan la riqueza y diversidad del léxico del portugués brasileño. Los resultados de este estudio revelan que el repertorio lingüístico del bernarense posee una amplia variedad de variantes léxicas, y que factores como el género, la edad y la educación influyen parcialmente en su elección, si bien las representaciones sociales y culturales compartidas por la comunidad han demostrado ser elementos determinantes en la selección léxica. Además, se observó la presencia de estigmas, prejuicios y procesos de valoración poco efectivos asociados a los practicantes de umbanda en la localidad.

Palabras claves: variación léxica; umbandista; sociolingüística; estigmas y representaciones sociales.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A sociolinguística variacionista	15
2.1.1 <i>Apontamentos sobre o objeto da sociolinguística: a variação.....</i>	<i>17</i>
2.1.2 <i>Noções de variante, variável e variedade</i>	<i>20</i>
2.1.3 <i>Aprofundando o olhar sobre variáveis sociais no estudo de base sociolinguística</i>	<i>21</i>
2.2 O léxico e suas variações.....	24
2.2.1 <i>Léxico religioso, estigmatização e representações sociais: aspectos históricos e culturais em torno da umbanda.....</i>	<i>27</i>
2.3 A geolinguística.....	31
2.3.1 <i>Estudos dialetais no Maranhão</i>	<i>34</i>
3 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO	36
3.1 Contextualização do lócus de pesquisa: a cidade de São Bernardo (MA)	36
3.1.1 <i>A presença de religiões de matriz africana em São Bernardo (MA)</i>	<i>38</i>
3.2 Classificação da pesquisa.....	39
3.3 Pontos de inquéritos	40
3.4 Perfil dos informantes	40
3.5 Instrumentos de geração de dados	42
3.5.1 <i>Ficha do Informante.....</i>	<i>43</i>
3.5.2 <i>Questionário semântico-lexical baseado no ALiB.....</i>	<i>43</i>
3.5.3 <i>Utilização de imagens e gravadores</i>	<i>45</i>
3.6 Teste piloto dos Questionários.....	46
3.7 Apresentação e aplicação do TCLE	46
4 ANÁLISES DOS DADOS.....	47
4.1 Das denominações atribuídas ao termo “umbandista”	48
4.2 Análise das variáveis sociais	52
4.2.1 <i>A variável gênero</i>	<i>52</i>
4.2.2 <i>A variável idade</i>	<i>55</i>
4.2.3 <i>A variável escolaridade</i>	<i>58</i>
4.3 Percepções, estigmas e/ou processos de valorização	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE A – FICHA DO INFORMANTE	73
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	74
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ...	77

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho insere-se no campo da Sociolinguística, área que compreende a língua não como um sistema abstrato, mas por um fenômeno social. Nesse contexto, este estudo trata sobre a variação lexical atribuída ao termo “umbandista”, considerando os usos linguísticos de moradores do município de São Bernardo (MA).

Neste trabalho, adotamos a concepção de Alkmin (2012), ao defender que nenhuma língua é inacabada ou fixa, pois toda comunidade linguística apresenta suas variações. A língua é viva, e por ser utilizada por comunidades que a falam, essa apresenta variações, utilizadas por grupos que possuem seus modos próprios de falar, falares esses característicos que refletem a diversidade cultural e histórica de seus utentes.

A partir dessa compreensão, entendemos que, ao falar de língua, automaticamente se leva em conta a sociedade, pois ambas se complementam e interagem entre si. É justamente essa interação que constitui o objeto de estudo da Sociolinguística, ciência que busca compreender as relações entre língua e sociedade, investigando como fatores sociais como, classe, gênero, idade, escolaridade, religião ou região influenciam e moldam os usos linguísticos.

Nesse sentido, as variações não são desvios ou erros, mas expressões legítimas da diversidade cultural e social dos falantes. Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 11), “[...] É necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada e que não é suscetível a variar e a mudar”. Sendo assim, a linguagem, como prática social, reflete diretamente a realidade dos falantes, sendo influenciada por fatores que deixam explícita a diversidade da nossa língua.

Um dos aspectos mais visíveis dessa diversidade é o léxico regional, ou seja, o conjunto de palavras e expressões próprias de determinadas regiões. O léxico regional reflete os costumes, o modo de vida e até mesmo a história dos povos que habitam uma determinada região. Dessa forma, percebemos que não podemos compreender a língua como algo neutro e separado da vida social. Cada palavra carrega em si uma história, e, com base nisso, temos usos específicos e valores simbólicos que são atribuídos pelos falantes ao longo de suas trajetórias.

Esse nível de análise nos coloca diante de diversas possibilidades de estudo, sobretudo por sua amplitude que se materializa nos falares locais e regionais. Assim, destacamos que podemos encontrar palavras para designar algo dentro de um campo semântico específico ou um item lexical. Na literatura, há estudos que apontam essa variabilidade para denominar itens

lexicais, como a palavra *cambalhota* (Razky; Coimbra; Costa, 2017) *menstruação* e *entrar na menopausa* (Araújo, 2023), para citar alguns.

Um exemplo das variações lexicais, que são o foco desta pesquisa, está associado à palavra “umbandista”. Algumas das diferentes formas de nomeação para os adeptos dessa religião incluem: o próprio termo *umbandista*, *pai/mãe de santo*, *curandeiro* etc. Tais usos são neutros. Contudo, há termos, como, *macumbeiro*, *feiticeiro*, *catimbozeiro*, entre outros, que carregam conotações pejorativas e refletem preconceitos historicamente associados às religiões afro-brasileiras.

No âmbito da limitação temática, nos reportamos a dados de usos linguísticos que têm nos inquietado, em São Bernardo (MA), que se referem às distintas denominações e seus efeitos sociais em torno do item lexical “umbandista”. Considerando o tema acima tratado, definimos como objeto de estudo desta monografia, as variações lexicais empregadas pelos falantes de São Bernardo (MA) para se referirem ao termo *umbandista*, buscando compreender como essas designações refletem aspectos socioculturais e revelam possíveis marcas de preconceito associadas às religiões de matriz africana

Para a definição e delimitação desse objeto de estudo, partimos do problema do mundo real que se configura como ponto de partida para esta pesquisa, qual seja: em contextos como o do município de São Bernardo (MA), em que evidenciamos de forma ainda mais clara a diversidade cultural relacionada às religiões de matriz africana, observamos que termos como *umbandista*, *pai de santo* e *benzedeiro*, entre outros, são empregados com diferentes sentidos e intenções.

Nesse cenário, destacamos dois aspectos centrais: por um lado, há uma ampla variedade de significados atribuídos a essas denominações; por outro, notamos a presença de processos de estigmatização e desvalorização cultural. Palavras como *macumbeiro*, originado da palavra *macumba*, por exemplo, embora tenham origem em línguas africanas e integrem o patrimônio cultural e religioso brasileiro, passaram a ser utilizadas, em muitos contextos, com conotação pejorativa, servindo para deslegitimar as práticas religiosas afro-brasileiras.

Esse fenômeno nos mostra como a língua, além de instrumento de comunicação, constitui também um espaço de poder e disputa. Dessa forma, a ausência de estudos voltados especificamente para o município de São Bernardo (MA) evidencia uma lacuna no conhecimento (socio)linguístico regional que este estudo monográfico busca preencher, ao investigar a variação lexical local, especialmente no que se refere aos termos empregados para se referir à palavra *umbandista*.

A partir dessas reflexões, levantamos a problemática central deste estudo: como o léxico regional de São Bernardo (MA) reflete as percepções e representações sociais acerca dos praticantes de religiões de matrizes africanas, em especial da umbanda? Observamos que, embora existam outras designações para nomear esses praticantes, tais variações lexicais não se restringem a simples diferenças de vocabulário. Elas carregam sentidos simbólicos que revelam processos históricos, sociais e culturais, marcados por preconceitos, disputas identitárias e ressignificações linguísticas.

Assim, problematizamos de que modo essas diferentes denominações expressam tanto a diversidade linguística e cultural do município, quanto os estigmas e as formas de resistência presentes na fala da comunidade bernardense, evidenciando que a língua é também um espaço de poder e de afirmação identitária.

Diante disso, elencamos outros questionamentos que configuram os desdobramentos da pesquisa:

- 1) Quais palavras e expressões designam o termo *umbandista* no léxico regional bernardense?
- 2) Como o uso das diferentes designações atribuídas ao termo *umbandista* manifesta a diversidade linguística, considerando variáveis sociais como, gênero, idade e escolaridade?
- 3) De que maneira tais variações lexicais refletem percepções, estigmas ou valorização relacionados à identidade do praticante de umbanda?

Entendemos que variação linguística é um fenômeno natural a toda língua viva, ela é resultado da diversidade cultural, histórica e social de toda comunidade de falantes. Apesar da variação linguística ser vista como essa gama de formas de nos comunicarmos, nem sempre isso existiu, sabemos que isso foi resultado de longas pesquisas e debates para se chegar ao que hoje chamamos de variação, levando em conta não somente a língua pronta e acabada, mas a ampla história que está por trás de cada comunidade de fala.

Apesar dos grandes avanços e debates acerca do que entendemos por língua e variação, e do caráter legítimo de cada comunidade, infelizmente é habitual nos depararmos com atitudes de preconceito linguístico que desvalorizam determinadas formas de falar em detrimento de outras, principalmente aquelas que se afastam da norma culta¹. Esse processo de uma forma ou

¹ O conceito de norma culta a que nos reportamos é a língua usada em seu contexto real, em que apresenta variações, ela é observada tanto na fala como na escrita e é sujeita a mudanças e influências do dia a dia, diferenciando-se da norma padrão por esta se tratar de uma idealização da língua, ou seja, um modelo que seria ideal, e serve como referência, essa norma se refere à gramática normativa, é o que se espera como modo “correto” de falar e posteriormente de escrever (Bagnó, 2007).

de outra acaba contribuindo para a desvalorização e marginalização de identidades culturais locais. Essas percepções acerca dos usos linguísticos observados na comunidade em estudo motivaram a realização desta investigação.

Além do mais, a escolha do tema também se relaciona a uma vivência pessoal da pesquisadora, cuja avó, reconhecida como Mãe de Santo de Terreiro de Umbanda da cidade de São Bernardo, é frequentemente designada por termos pejorativos no contexto comunitário. Essa experiência direta com processos de estigmatização reforçou a necessidade de compreender de que modo as designações atribuídas aos praticantes das religiões de matriz africana, como o termo *umbandista* ou *macumbeira* ou *bazungueira*, refletem preconceitos linguísticos e sociais. Também destacamos a participação no Grupo de Estudos em Linguagem e Sociedade à luz da Sociolinguística (GELiS) da Universidade Federal do Maranhão.

Ao identificarmos a escassez de pesquisas acadêmicas sobre a temática, justificamos tanto a escolha do objeto de estudo quanto a relevância e a urgência do desenvolvimento deste trabalho monográfico.

Em termos de relevância social, evidenciamos que esta pesquisa trata sobre o falar do município de São Bernardo (MA), que é marcado por expressões culturais, que são heranças históricas e sociais que fazem parte da identidade da comunidade. É justamente essa diversidade linguística, que é constantemente moldada por processos históricos, sociais e culturais, que explica a variação lexical observada em palavras como “umbandista”, que recebe diferentes designações na cidade para se referir aos praticantes dessa religião.

Já em relação à relevância acadêmica, destacamos que o trabalho colabora com o campo da sociolinguística, abrindo caminho para novas investigações relacionadas à linguagem. Além disso, contribui para a formação de estudantes e pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pois antevemos como contribuição a possibilidade de, a partir deste estudo, fomentar discussões em torno do uso real da língua e tornar-se fonte de leitura e estudo para pesquisas futuras. Por ser um tema pouco explorado na região, o estudo assume um papel pioneiro, atendendo tanto a interesses acadêmicos quanto às necessidades da comunidade local de ver sua cultura linguística valorizada e documentada.

Ainda em relação à relevância acadêmica deste estudo, gostaríamos de destacar que durante as pesquisas prévias realizadas em diferentes bases científicas como, Google Acadêmico, SciELO e Periódicos CAPES, foram utilizados os descritores “variação lexical em São Bernardo (MA)” e “variação linguística em São Bernardo (MA)”, com o objetivo de identificar produções acadêmicas relacionadas à temática. Contudo, não foram encontrados

estudos sociolinguísticos ou dialetológicos que abordassem especificamente as práticas linguísticas e a variação lexical no município de São Bernardo (MA).

Entre os trabalhos identificados que dialogam de forma (in)direta com o tema, destacamos a dissertação de Nunes (2024), intitulada *Etimologia e história da palavra ‘macumba’ e seus significados*, apresentada à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A autora desenvolveu uma análise histórica e etimológica do termo macumba, com base em obras literárias, jornais do período imperial e documentos históricos, evidenciando processos de apagamento cultural e de reinvenção simbólica. A pesquisa demonstrou que o termo, frequentemente associado a sentidos pejorativos, também expressa a riqueza cultural e linguística das tradições afro-brasileiras.

Outro trabalho relevante é o de Guedes (2024), *Variação do item lexical libélula nos dados do Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará (ALEVA)*, que mapeou a variação lexical do item libélula em comunidades do Pará, com destaque para o contato entre o português e as línguas Tembé e japonesa. Os resultados evidenciaram a vitalidade da variação lexical em contextos multilíngues e reafirmaram a importância de estudos regionais nessa área.

Essas pesquisas, embora não contemplem diretamente a realidade sociolinguística de São Bernardo (MA), reforçam a relevância de investigações voltadas à variação lexical e à carga sociocultural dos termos, especialmente quando associados a práticas religiosas e identidades afro-brasileiras, lacuna que este estudo busca preencher, pois até o momento, não há registros sistemáticos sobre essas particularidades lexicais, o que torna este estudo relevante para compreender o português falado na região.

Com base nesse delineamento, este trabalho tem como objetivo geral investigar a variação lexical relativa às denominações atribuídas ao termo “umbandista” no repertório linguístico de falantes nativos de São Bernardo (MA). Para atingi-lo, particularizamos os desdobramentos da pesquisa com base nos seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as palavras e expressões que designam o termo “umbandista” no léxico regional bernardense;
- b) Analisar o uso dessas diferentes designações como manifestação da diversidade linguística, a considerar as variáveis sociais como gênero, idade e escolaridade;
- c) Verificar como tais variações lexicais refletem percepções, estigmas ou valorização relacionados à identidade do praticante de umbanda.

No que se refere à metodologia, a pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, pois foram feitas coletas e análise de dados linguísticos produzidos por falantes da comunidade investigada. Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário semiestruturado

dividido em dois blocos: um para catalogação das variantes lexicais e outro voltado para levantamento das percepções dos participantes acerca das denominações utilizadas.

Participaram desta pesquisa 24 informantes, divididos igualmente entre os gêneros masculino e feminino e foram estratificados de forma a atender o segundo objetivo específico entre as variáveis sociais gênero, idade e escolaridade. Para a variável idade organizamos em três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais), para a variável escolaridade foram analisados quatro níveis: analfabetos, ensino fundamental (completo ou incompleto), ensino médio (completo ou incompleto) e ensino superior (completo ou em andamento).

Para uma melhor compreensão todos os dados estão organizados em tabelas e quadros, onde é possível analisar a frequência das variantes lexicais, sua distribuição conforme as variáveis sociais investigadas e as relações entre as escolhas linguísticas e as percepções sociais dos entrevistados.

Tendo em vista esses elementos que caracterizam o delineamento desta pesquisa, apresentamos a organização estrutural deste trabalho: inicialmente, trazemos esta introdução, que consiste em uma apresentação sistemática da proposta; posteriormente, elaboramos o referencial teórico, no qual discutimos os conceitos basilares que sustentam o estudo; em seguida, textualizamos o percurso metodológico da pesquisa, ao detalhar como a investigação procedeu; logo após, trazemos a análise dos dados, seção dedicada à variação lexical em torno da palavra “umbandista”; e, por último, elaboramos as considerações finais, para fechar o trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentamos uma discussão pautada nos pressupostos teóricos que sustentam esta pesquisa. Para tanto, discorreremos inicialmente sobre noções basilares em torno da sociolinguística; posteriormente, retratamos a geolinguística, ao situar sua contribuição dentro dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos. Pelo fato de analisarmos, neste estudo, a variação lexical, damos atenção especial ao léxico em algumas partes da seção.

2.1 A sociolinguística variacionista

Nesta seção discutimos um dos pressupostos teóricos basilares para este trabalho, tendo em vista a temática da variação linguística, objeto de estudo da sociolinguística, uma área de pesquisa há algumas décadas difundida no Brasil.

Para entender o que hoje conhecemos por sociolinguística é preciso recorrer aos primeiros pressupostos teóricos que rodeavam o conceito de língua e de linguagem. Pontuamos os linguistas, o suíço Ferdinand de Saussure e o norte-americano Noam Chomsky. O primeiro é conhecido mundialmente por fundar o estruturalismo linguístico, inaugurando a linguística moderna e definindo seu próprio método.

Saussure desenvolve o seu estudo em torno de dicotomias, para as quais ele estabelece a seguinte relação:

[...] (i) os fenômenos variáveis não são visíveis na *langue* (que é social), mas na *parole* (que é individual); (ii) a evolução/mudança se dá em alguns elementos e isso é suficiente para que ela se reflita em todo o sistema; (iii) o falante não tem consciência das mudanças que ocorrem entre os estados (os recortes sincrônicos) da língua. (Coelho *et al.*, 2010, p. 14).

Uma das principais dicotomias saussurianas consiste na língua e fala, em que ele distinguiu e nomeou a língua (*langue*) como um sistema social e abstrato utilizado e compartilhado por uma comunidade, e a fala (*parole*) como o uso individual. Apesar da grande relevância, o seu modelo foi considerado limitado, porque segundo outras teorias que vinham surgindo, Saussure privilegiava o sistema estático da língua, ou seja, a língua em si mesma e por ela mesma, e isso não contemplava a variação e a dimensão social do uso linguístico (Coelho *et al.*, 2010).

Segundo os mesmos autores, na metade do século XX Noam Chomsky propõe uma nova forma para se pensar em língua, criando o que conhecemos como Gramática Gerativa (1950),

para quem a língua é um conjunto de regras diferentemente do que defendia Saussure. Ele acreditava que a língua era interna ao indivíduo e essa era desvinculada das variações sociais.

O gerativismo concentrava-se na descrição do sistema abstrato de regras que compõem a competência linguística do falante, priorizando a estrutura formal das sentenças gramaticais. Essa abordagem, embora revolucionária, também foi criticada por afastar-se das práticas reais de uso da língua e por tratar o falante como um ser abstrato (Coelho *et al.*, 2010).

Em contraposição a essas visões mais estruturalistas e mentalistas, surge a sociolinguística, área centrada no eixo funcional e desenvolvida principalmente por William Labov nos idos da segunda metade do século XX.

Segundo autoras como, Alkmin (2012) e Bortoni-Ricardo (2014), a sociolinguística teve como marco central o congresso realizado em 1964, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Esse encontro reuniu importantes estudiosos da linguagem, como Dell Hymes, William Labov, John Gumperz, Charles Ferguson, Einar Haugen, entre outros, que tinham em comum a crítica às abordagens linguísticas formalistas predominantes na época, especialmente à gramática gerativa que foi proposta por Noam Chomsky.

A partir da fixação definitiva do termo sociolinguística, em 1964, William labov trouxe para o campo de pesquisa o molde de descrição e interpretação dos fenômenos lingüísticos no contexto social de comunidades urbanas investigadas por ele, ficando em amplamente conhecida como socioanguística variacionista ou teoria da variação. A variação lingüística pode ser entendida como uso de um elemento linguístico substituindo um outro, não havendo com isso perda semântica. (Silva, 2015, p. 23).

Silva (2015), com apoio em Labov (2008), estudioso que se volta ao uso linguístico, argumenta que toda a língua varia, é heterogênea e não homogênea, como era defendido pelo estruturalismo de Ferdinand de Saussure. Diante disso, compreendemos que a sociolinguística não surgiu por acaso, ela surgiu como uma reação a uma visão que não condiz com a língua em seu uso, que não levava em conta como as pessoas realmente falam no dia a dia, tal como se fazia anteriormente por intermédio do estruturalismo e do gerativismo.

É nesse contexto que a noção de variação linguística ganha destaque dentro dos estudos sobre a linguagem. Em articulação ao conceito de língua, caracterizada pelo princípio da heterogeneidade, a variação é sistematizada, em virtude da influência de fatores internos e externos sobre o uso linguístico.

A esse respeito, Coan e Freitag (2010, p. 175) destacam que:

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas

como dotada de ‘heterogeneidade sistemática’, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade.

Essa caracterização, em diálogo com o que defende Coelho *et al.* (2010), nos faz compreender que, para se chegar ao que fez despontar a sociolinguística, houve grande contribuição de William Labov, tem realizado um dos estudos mais conhecidos na área, em 1962, por meio do qual investigou o uso da língua em lojas de departamentos de Nova York, onde procurou compreender as variações fonológicas a partir da pronúncia do (r) na posição pós-vocálica. Com essa pesquisa, ele observou em diferentes grupos, as suas condições sociais, comprovando que as escolhas linguísticas estão diretamente ligadas à estrutura social.

Labov (2008) parte do pressuposto de que a língua está relacionada à vida em sociedade, e que os processos de variação e mudança linguísticas somente podem ser compreendidos quando analisados no contexto social em que os falantes estão inseridos. Para o referido autor, a linguagem é influenciada pelos fatores sociais, pelos quais condicionam a escolha de formas linguísticas.

Através do seu estudo demonstrou-se que padrões de variação observados na língua, reflete fatores como idade, sexo, escolaridade, classe social e outros elementos do contexto social que influenciam o comportamento linguístico dos indivíduos. Assim, a Sociolinguística Variacionista passou a investigar tanto a variação quanto a mudança linguística, contribuindo para a compreensão da relação entre língua e sociedade. A partir das investigações, de Labov tornou-se possível compreender que diferentes formas de expressões chamadas de variantes coexistem em uma mesma comunidade de fala.

Tendo feito essa discussão sobre o contexto de surgimento da sociolinguística no âmbito científico, tratamos, no próximo tópico, sobre alguns aspectos mais específicos da área, os quais colocam em evidência a noção de variação linguística, o objeto de estudo da área.

2.1.1 Apontamentos sobre o objeto da sociolinguística: a variação

A forma como falamos é, sem dúvidas, um dos nossos marcadores principais, através dela é possível definir quem somos e a quais grupos pertencemos. É válido mencionar que a forma como nos expressamos por vezes influencia percepções sobre nossa imagem, origem, nível de escolaridade e até mesmo nossa profissão.

No campo da sociolinguística, alguns conceitos são essenciais para a compreensão de alguns fenômenos linguísticos como por exemplo, o conceito de “variação”, que corresponde ao modo como a língua se adapta e se transforma de acordo com quem fala, onde fala e em que

situação se utiliza um termo ou outro para se reportar à mesma coisa com o mesmo valor de verdade (Coelho *et al.*, 2015; Bagno, 2007).

Por isso, é natural a ocorrência de pessoas que vivem em regiões diferentes falarem de maneira distinta da nossa, ou que determinados grupos sociais usem expressões próprias. Coelho *et al.* (2015) discorre que “A variação é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. Ao abrir esse leque, percebemos que existem diferentes tipos de variação.

A variação regional ou diatópica, por exemplo, está ligada ao local em que se vive, como as variações existentes entre os falantes do Brasil e de Portugal.

Sobre esse viés, Coelho *et al.* (2015, p. 38) declara que:

[...] a variação regional pode ser estudada ao se operem diferentes tipos de unidade espaciais: podemos dizer que existem variação regional entre Brasil e Portugal (dois países), entre Nordeste e Sul (duas regiões de um mesmo país), entre Paraná e Santa Catarina (dois estados de uma mesma região), entre Chapecó e Florianópolis (duas cidades de um mesmo estado) e mesmo entre falantes do Centro de Florianópolis e falantes do Ribeirão da Ilha (dois bairros de uma mesma cidade) [...].

Nesse tipo de variação, o espaço geográfico em que se vive influencia o modo como a língua é usada pelos falantes. Vale ressaltar que, atrelado a esse tipo de variação, é muito comum que se interseccionem variações da dimensão linguística, sobretudo nos níveis fonológico e lexical.

Já a variação social ou diastrática está ligada ao grupo social a que o falante pertence, como a classe social, idade, escolaridade ou profissão. É por isso que jovens costumam usar mais gírias do que pessoas mais velhas, ou que certos termos aparecem mais em determinados grupos que em outros. No âmbito jurídico, por exemplo, *despachar* geralmente significa resolver um processo ou decidir algo formalmente, como em “O juiz *despachou* o processo”. Entretanto, no cotidiano, a mesma palavra pode ser entendida como mandar alguém embora de forma rápida ou amigável, como em “*Despachei* o amigo para casa”.

Em contextos informais, ou de pessoas que não fazem parte do mesmo grupo em questão, *despachar* pode até assumir significados mais extremos, como anular ou eliminar alguém. No contexto religioso, essa mesma palavra pode significar um ritual de oferenda a um orixá ou uma entidade, como, “Segunda-feira é dia de *despachar* Exú”. Isso evidencia que o significado e o uso de uma palavra variam conforme o grupo social, o contexto de interação e a percepção dos falantes.

Há, ainda, a variação histórica ou diacrônica. Essa variação ocorre diariamente devido ao desenvolvimento da nossa língua que está em constante mudança. Alguns exemplos são o

uso do pronome *você*, que antes era *Vossa Mercê*, *vossemecê*, *vosmecê* até chegar ao atual *você*. Nossa língua, por ser dinâmica e viva, forma nossa identidade, ela não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento de construção social e cultural do indivíduo.

Segundo Alkmin (2012), nenhuma língua é inacabada ou fixa, pois toda comunidade linguística apresenta suas variações. A língua é viva e seu uso por grupos distintos faz com que tenhamos uma diversidade de falares. A partir dessa concepção, entendemos que, ao falar de língua, automaticamente se leva em conta a sociedade, pois ambas se complementam e interagem entre si. É justamente essa interação que constitui o foco de estudo da sociolinguística, ciência que busca compreender as relações entre língua e sociedade. Nesse sentido, as variações não são desvios ou erros, mas expressões que compõem a diversidade cultural.

Se as variações são responsáveis para identificar se pertencemos ou não a determinada comunidade, podemos então refletir sobre o viés de que a nossa identidade é construída por meio do nosso falar, agir e se expressar, tendo em vista que a linguagem é um marcador de pertencimento social.

Bisinoto (2023) discorre que a identidade é construída socialmente, em outras palavras, nossa identidade é fruto das nossas relações, que são estabelecidas com nossa família, nossos amigos, ou com qualquer grupo no qual estamos inseridos. Sendo assim, cada sujeito participa de uma coletividade e, ao mesmo tempo, é influenciado por ela. Nossa identidade social depende de nossas experiências, uma vez que “A palavra identidade, no percurso dos movimentos linguísticos e das diferentes linhas teóricas, possui um caráter marcadamente polissêmico, aplicando-se ora aos fenômenos internos da língua, ora às questões sociopolíticas inerentes a ela.” (Bisinoto, 2023, p. 77).

Essa questão de identidade possui vários significados, dependendo da área teórica em que se situa. No campo da Linguística, o conceito de identidade, em alguns estudos, por vezes está relacionado aos fenômenos internos da língua, como as variações linguísticas, os sotaques, dialetos e aos estilos de fala, além das escolhas vocabulares que ajudam a caracterizar determinados grupos ou comunidades.

Ademais, a identidade pode estar relacionada às questões sociopolíticas presentes na sociedade. A linguagem não é somente um instrumento de comunicação, mas um espaço de poder, resistência e representação social. Tendo em vista isso, as formas de falar podem revelar desigualdades sociais, preconceitos, disputas culturais e relações de poder entre diferentes grupos sociais.

Em relação à questão da identidade linguística do falante, Faraco (2008) aponta que:

A força identitária das normas linguísticas não se faz apenas endocentricamente, mas também exocentricamente. Assim como há uma tendência dos falantes a se acomodar às práticas linguísticas normais de seu grupo social (e isso pode se transformar em motivo de orgulho e, eventualmente, em fator de resistência a processos sociais sentidos como ameaçadores ao grupo), o desejo de se identificar com outro(s) grupo(s) ou a própria pressão das redes de relações sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra(s) norma(s). (Faraco, 2008, p. 43).

Faraco (2008) salienta que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas um elemento essencial na construção das identidades sociais. As escolhas linguísticas revelam pertencimentos, aproximam ou afastam grupos e refletem as relações sociais, culturais e históricas presentes na sociedade.

Nesse sentido, o sujeito acaba sendo socialmente identificado pela maneira como utiliza a língua. O modo de falar pode aproximar indivíduos de certos grupos ou, ao contrário, gerar exclusão e discriminação. Por isso, a linguagem não é neutra: ela participa diretamente da construção das identidades sociais e das formas de reconhecimento dentro da sociedade.

Além dessas noções retratadas neste tópico, as quais nos ajudam a compreender o fenômeno da variação linguística, abordamos, a seguir, sobre outros conceitos importantes para se tratar de sociolinguística, como, o de variante, variável e variedade.

2.1.2 Noções de variante, variável e variedade

No campo da sociolinguística, há outros conceitos que ajudam a entender a dinamicidade da língua, como: variável, variante e variedade, termos fundamentais para compreender como a língua funciona na prática.

A variante linguística é uma das formas concretas que realizam uma variável. Quando utilizamos os pronomes *tu* e *você* elas são variantes de uma mesma variável. Assim, as variantes são as diferentes realizações observáveis tanto na fala como na escrita.

Conforme Paulista (2016, p. 162),

Variantes são as formas individuais que ‘concorrem’ em uma variável. E elas costumam receber valores distintos pelas comunidades e estão em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. E elas em ordem determinam uma ou mais variáveis independentes de natureza linguística (fonético-fonológico, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilístico- pragmática) ou extralinguística (geográfico, sócio econômico, grau de escolaridade, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais).

No presente estudo, esse conceito pode ser observado nas diferentes formas empregadas para se referir ao item lexical “umbandista”, uma vez que foram identificadas diversas variantes para essa mesma denominação. Embora todas as variantes encontradas façam referência a um

mesmo item lexical, cada variante é influenciada por experiências pessoais e pelo repertório linguístico de cada falante.

A ocorrência dessas variantes em uma mesma comunidade nos mostra a dinamicidade da língua, e isso contraria a ideia de que existe apenas uma forma correta ou legítima de expressão, uma vez que os falantes adaptam suas escolhas linguísticas às situações de interação e às características da comunidade em que estão inseridos.

A variável, neste caso, refere-se ao lugar na gramática em que pode ocorrer variação. O exemplo da pronúncia da palavra *planta* nos mostra que a variável é a consoante líquida presente na palavra, e as variantes são o uso de /l/ ou /r/ em *planta* e *pranta*. Assim, a variável representa o lugar da língua em que a variação é possível, enquanto as variantes são as formas concretas que concorrem dentro desse mesmo ponto variável.

Outro conceito é o de variedade, que corresponde a um conjunto de traços linguísticos que caracterizam a forma de falar ou escrever de um determinado grupo ou de um indivíduo em certa situação (Coelho *et al.*, 2010). Por exemplo, a fala de quem mora na região Nordeste pode apresentar características totalmente diferentes da fala de quem vive no Sul, mas ambas são variedades do português brasileiro.

Alkmin (2012) desenvolve uma perspectiva interessante sobre o uso da língua nas comunidades de fala, para ela não existe uma forma de falar que seja politicamente correta em relação à outra. O que temos é um conjunto de variedades linguísticas que coexistem e interagem entre si. Afinal, se há comunicação e entendimento da outra parte não existem motivos de menosprezar uma em função da outra.

Ademais, as variedades podem variar de acordo com vários fatores, como: a região, classe social, e outros. As variedades linguísticas estão inseridas em um contexto social que infelizmente está marcado por relações de poder e que algumas formas de falar são mais valorizadas socialmente. Isso acaba deixando à margem grupos com menor prestígio social e essa desvalorização reflete diretamente a hierarquia social.

Tendo discutido esses conceitos basilares para uma compreensão da sociolinguística, abordamos, a seguir, sobre o léxico e suas variações, a considerar o objeto de estudo deste trabalho.

2.1.3 Aprofundando o olhar sobre variáveis sociais no estudo de base sociolinguística

No campo da sociolinguística, especialmente a partir das contribuições de William Labov, as variáveis sociais é um pilar fundamental para explicar como a língua varia entre os

falantes. As variáveis dizem respeito às características sociais dos indivíduos e diretamente as escolhas linguísticas. Ou seja, a forma como uma pessoa fala está relacionada à sua posição e atuação dentro da sociedade.

Calvet (2002) salienta que uma determinada escolha de uma variante linguística pode estar relacionada e condicionada por variáveis sociais. É por isso que certas palavras podem ser mais comuns entre pessoas mais jovens, outras entre pessoas mais velhas; algumas podem ser associadas a grupos socialmente prestigiados, enquanto outras podem ser vistas como populares ou estigmatizadas.

Segundo Calvet (2002, p. 79), a variação lexical está relacionada ao contexto em que o falante está inserido, especialmente à sua localidade.

Essas variáveis podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo Brasil é chamado de “osga na região Norte, “briba” ou “víbora” no Nordeste, e “lagartixa” no Centro Sul. [...] Mas essas variáveis podem também ter um sentido social, quando, em um mesmo ponto do território uma diferença linguística é mais ou menos isomorfa de uma sócia.

Além da dimensão geográfica, o autor ressalta que a variação linguística também assume um caráter social. Mesmo os indivíduos residentes em uma mesma localidade podem empregar variantes diferentes para nomear uma mesma realidade, evidenciando que a língua é influenciada por múltiplos fatores.

Sobre isso, Mollica (2003) enfatiza que a variação é condicionada por fatores externos (idade, gênero, escolaridade e classe social). Sendo assim destacamos algumas das variáveis sociais existentes e que será o foco dessa pesquisa.

A variável idade (diageracional), ou faixa etária, é visível quando observarmos na fala de pessoas mais jovens o emprego de formas distintas de comunicação comparadas as de um idoso. O uso de gírias, por exemplo, é uma marca linguística da grande maioria dos jovens.

Nos estudos sociolinguísticos, a idade (ou a faixa etária) se configura como uma variável social extremamente complexa por possibilitar generalizações a respeito de processos de mudança geracional e de estratificação etária revelados em determinados fenômenos variáveis. Essa complexidade se acentua na estratificação por idade, uma vez que a variável, que em sua concepção é independente, interage naturalmente com outros fatores sociais como escolaridade, mercado de trabalho, redes sociais, classe social, gênero, entre outros. (Monguilhott; Chaves; Coelho, 2025, p. 56).

As autoras discorrem sobre a complexidade em se trabalhar, em uma pesquisa sociolinguística, com a variável (faixa etária), mas que isso não elimina a importância de se registrar a fala de idosos ou de jovens, por exemplo, visto que atualmente algumas variantes

que eram mais comuns em períodos anteriores estão passando pelo processo de desaparecimento entre os mais jovens.

Um idoso que em sua juventude teve maior acesso à escolarização, por exemplo, pode apresentar usos linguísticos diferentes de outro que não teve as mesmas oportunidades, o que mostra que a idade, por si só, não explica completamente os fenômenos linguísticos, mas é através da análise dessas variáveis que consegue observar marcas identitárias, culturais, expressões e pronúncias de um determinado grupo social.

Para Freitag (2011, p. 46),

A idade é uma das três supercategorias sociais nas sociedades industrializadas modernas, junto com a classe e o sexo, e seu atributo social é a correlação primária com a mudança linguística. Intuitivamente, percebemos a influência da idade nos processos de variação e mudança linguística: uso de uma expressão ‘fora de moda’, gírias desatualizadas, enfim, percebemos que o tempo passou e ainda guardamos traços daquela época em nosso repertório linguístico.

A idade é, sem dúvidas, uma das variáveis mais importantes para se entender as ocorrências linguísticas já que é a mesma está diretamente relacionada à mudança linguística, porque diferentes gerações tendem a usar a língua de maneiras diferente.

Outra variável importante é o gênero/sexo (diassexual) que também pode influenciar o comportamento linguístico dos indivíduos, homens e mulheres tendem a se comunicar totalmente diferentes a depender do contexto social e histórico a qual pertence.

Segundo Veloso (2024), a noção de gênero “se origina nas interações” pois o mesmo está ligado ao princípio sociolinguístico de que a língua é heterogênea e variável. Assim, não há de fato um modelo único relacionado somente ao gênero, mas nas múltiplas formas que se adaptam às situações reais de comunicação.

Outra variável social é a escolaridade, pois, constitui igualmente uma variável de grande relevância, ao estar diretamente relacionada ao acesso à norma-padrão da língua. Indivíduos com maior nível de instrução tendem a utilizar, com mais frequência, formas consideradas prestigiadas. Por outro lado, aqueles com menor acesso à escolarização podem empregar variedades linguísticas muitas vezes consideradas estigmatizadas.

Ademais, a análise dessas variáveis permite identificar não somente as diferentes formas de se dizer a mesma coisa; mas também quem usa e com que frequência, visto que certas variantes ocorrem mais em determinados grupos sociais.

Nesse sentido, as pesquisas sociolinguísticas buscam compreender a relação entre as variantes linguísticas e as categorias sociais. Calvet (2002) chama atenção para o fato de que

um indivíduo mesmo pertencendo a um determinado grupo social, pode de forma consciente escolher uma variante diferente daquela esperada ao meio em que vive.

Tendo feito essa discussão com o fim de aprofundar o olhar sobre as variáveis sociais que giram em torno de fenômenos linguísticos, ao condicioná-los sistematicamente, a seguir tratamos sobre o léxico e suas variações.

2.2 O léxico e suas variações

O léxico trata-se de um conjunto de palavras que compõem uma determinada língua. Inclui todas as palavras que os falantes utilizam para se comunicar e expressar ideias, sentimentos. O léxico está em constante mudança, pois novas palavras surgem e outras caem em desuso com o passar do tempo. O estudo do léxico permite observar como diferentes grupos de falantes utilizam palavras distintas para se referir a um mesmo objeto, ação ou ideia.

É certo que, quando se fala em variação linguística, os exemplos que costumam vir primeiro à mente dizem respeito ao nível do léxico, ou seja, das palavras que compõem uma dada língua, quase sempre associados à variação regional. A mesma realidade é representada, conforme a região, por palavras diferentes. Mas há também usos variados conforme a situação, mais formal e menos formal, em que se está falando, associados, portanto, à variação estilística (Coelho *et al.*, 2015, p. 23).

Vale acrescentar que a variação reflete valores sociais e preconceitos, como acontece com termos pejorativos que se perpetuam de geração em geração. Por exemplo, palavras usadas para se referir a religiões de matriz africana, como, *feiticeiro*, foram historicamente empregadas de forma depreciativa para desqualificar práticas como a Umbanda ou o Candomblé. A consequência infelizmente é a estigmatização de falantes e de suas identidades, já que muitas vezes a escolha lexical vem carregada de valores e julgamentos negativos relativos aos preconceitos que se perpetuam na sociedade, conforme afirma Bagno (2007).

Esse nível de análise nos coloca diante de diversas possibilidades de estudo, sobretudo por sua amplitude que se materializa nos falares locais e regionais. Assim, destacamos que podemos encontrar palavras para designar algo dentro de um campo semântico específico ou um item lexical. Na literatura, há estudos que apontam essa variabilidade para denominar itens lexicais, como a palavra *cambalhota* (Razky; Coimbra; Costa, 2017) *menstruação* e *entrar na menopausa* (Araújo, 2023), para citar alguns.

Considerando esta proposta de pesquisa, é pertinente destacar alguns trabalhos prévios que tratam da variação lexical, uma vez que esse fenômeno tem despertado grande interesse em

diferentes áreas da sociolinguística, como forma de explicitar dados de pesquisa evidenciados na recente literatura especializada.

Um dos estudos nesse campo foi desenvolvido por Santos *et al.* (2024), intitulado: “*Denominações para o item lexical ‘papagaio de papel’, no Amapá*” que teve como objetivo descrever a variação lexical para o item “papagaio de papel”. Os resultados da pesquisa mostraram que, no Amapá, a variante papagaio foi a mais proferida, com 45% dos registros, essa variante ocorreu em todas as localidades investigadas.

Em seguida, veio a variante pipa, com 25% das ocorrências, foi a mais usada entre os jovens e registrada na maioria dos pontos, com exceção de Mazagão. A variante rabiola apareceu em 20% dos casos, principalmente entre os informantes mais jovens. Já curica (6%), *cangula* (3%) e *suru* (1%) foram menos frequentes e ocorreram apenas em determinadas localidades e, em sua maioria, entre os informantes mais velhos.

Outra pesquisa que também tratou sobre variação lexical é a de Costa (2023), intitulada “*Denominações para o item lexical ‘diabo’ em capitais do Brasil: um estudo geolinguística com dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil*”. O objetivo dessa pesquisa foi documentar a diversidade de termos utilizados pelos indivíduos das regiões Norte e Nordeste do Brasil para nomear o termo “diabo”, a partir da questão 147 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Todas as respostas fornecidas foram registradas, totalizando 332 variantes encontradas, que foram submetidas à análise qualitativa e quantitativa com cálculo de frequências absolutas e relativas. A análise das ocorrências indica que a variante “diabo” foi a resposta mais frequente no *corpus*, correspondendo a 30% dos dados, seguida por outras denominações para o mesmo referente, como, *encardido*, *chifrudo*, *Belsebu*, *satã*, *sujo*, *tinioso*, *anjo mau*, *bicho ruim*, *cramunhão*, *criatura*, *cruz credo*, *desgraça*, *enxofre*, *nefisto*, *besta fera*, *príncipe dos céus*, *rabudo*, *sapirico* e *troço*. (Costa, 2023).

No total, a variante “diabo” foi registrada 99 vezes, do total de 331 respostas, sendo o índice mais alto entre todas as denominações coletadas. O levantamento documentou 26 léxicos distintos para o referente pesquisado na região Nordeste.

Outra pesquisa relevante sobre variação lexical é a de Guedes (2024), intitulada *Variação do item lexical libélula nos dados do Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará (ALEVA)*. O estudo teve como objetivo descrever e mapear a variação lexical do item libélula nos dados do projeto Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará (ALEVA), com atenção ao português em contato com as línguas Tembé e Japonesa, no Vale do Rio Acará, estado do Pará.

Os dados referentes ao item lexical *libélula* indicaram que a lexia mais frequente foi *jacinta*, com 51,4% das ocorrências, predominando nas comunidades indígenas, seguida de *libélula*, com 34,2%, predominante entre descendentes de japoneses e considerada a variante mais inovadora da pesquisa. A lexia *Cigarra* representou 8,5% das respostas, enquanto *macaco seco* e *tombo* registraram 2,8% cada uma. Nesta pesquisa observou-se que *jacinta* é a variante mais frequente entre adultos mais velhos, ao passo que *libélula* aparece com maior frequência entre adultos jovens e crianças.

Um exemplo das variações lexicais, que são o foco desta pesquisa, está associado à palavra “umbandista”. A Umbanda é uma religião brasileira de matriz africana, que mistura elementos do espiritismo, do catolicismo e das tradições afro-brasileiras. Os praticantes dessa religião se dedicam à prática de rituais de culto aos orixás e entidades espirituais. Algumas das diferentes formas de nomeação para os adeptos dessa religião incluem: o próprio termo *umbandista*, *pai/mãe de santo*, *curandeiro* etc. Tais usos são neutros. Contudo, há termos, como, *macumbeiro*, *feiticeiro*, *catimbozeiro*, entre outros, que carregam conotações pejorativas e refletem preconceitos historicamente associados às religiões afro-brasileiras.

Nesse cenário, destacamos dois aspectos centrais: por um lado, há uma ampla variedade de significados atribuídos a essas denominações; por outro, notamos a presença de processos de estigmatização e desvalorização cultural. Palavras como *macumbeiro*, originado da palavra *macumba*, por exemplo, embora tenham origem em línguas africanas e integrem o patrimônio cultural e religioso brasileiro, passaram a ser utilizadas, em muitos contextos, com conotação pejorativa, servindo para deslegitimar as práticas religiosas afro-brasileiras.

O nível lexical da língua é a área da linguagem que melhor reflete a realidade cultural e social de uma comunidade. É pela palavra que o indivíduo vai conhecendo o universo à sua volta e o mundo se revela para ele, que o percebe através de diferentes sentidos, sensações, sentimentos, objetos, os quais são nomeados e reconhecidos por esses nomes. (Costa, 2021, p. 45).

Para Costa (2021), o léxico é uma importante manifestação da identidade cultural de uma comunidade, uma vez que as palavras utilizadas pelos falantes carregam significados construídos a partir de suas experiências sociais, históricas e culturais. O indivíduo não apenas expressa sua percepção da realidade, mas também evidencia valores, crenças e práticas compartilhadas pelo grupo ao qual pertence.

Para uma melhor compreensão sobre essa questão, apresentamos, a seguir, uma discussão sobre representações sociais decorrentes do uso linguístico em sociedade, por intermédio, sobretudo, do léxico que se materializa em contexto religioso.

2.2.1 Léxico religioso, estigmatização e representações sociais: aspectos históricos e culturais em torno da umbanda

Antes de retratar o léxico no âmbito religioso, é importante realizar um traçado histórico da Umbanda, a fim de compreender melhor esse contexto em que os usos linguísticos são situados.

A Umbanda, religião de matriz afro-brasileira surgiu no Brasil, por volta de 15 de novembro de 1908, na virada do século XIX e XX.

A umbanda é uma religião afro-brasileira que se constituiu a partir do encontro com as perspectivas religiosas da matriz africana, ameríndia e indo-europeia. Agregou elementos das nações jeje, nagô, bantu, angola entre tantas outras; recebeu influência da pajelança indígena e também do catolicismo e kardecismo. (Jorge, 2013, p. 154).

A Umbanda é tipicamente brasileira e surgiu na cidade do Rio de Janeiro, com o médium Zélio Fernandino de Moraes. Sua história em torno da Umbanda começou quando Zélio, um jovem de 17 anos, por volta de 1908, se preparava para ingressar na marinha, em um certo momento ele começou a passar por alguns acontecimentos estranhos, que não eram típicos de sua vivência natural. Careli (2021, p. 3) afirma que, “Em outros momentos, comportava-se como um animal, as vezes ficava numa posição garbosa, gesticulando como se fosse um índio. As pessoas que tinham oportunidade de presenciar suas atitudes, ficavam espantadíssimas e sem entender o que acontecia.”.

Essas expressões causaram estranhamento em sua família que inicialmente interpretaram como sinais de distúrbio mental. Diante dessa situação, os pais o encaminharam para o médico Dr. Epaminondas de Moraes, um psiquiatra e diretor do Hospício de Vargem Grande que também era tio de Zélio. O jovem foi internado e após esse período de internação e observação, não conseguiram identificar nenhuma patologia que explicassem os comportamentos do jovem. Esse diagnóstico reforçou a interpretação espiritual dos acontecimentos, o que abriu espaço para a compreensão mediúnica que viria a fundamentar o surgimento da Umbanda (Careli, 2021).

Como Zélio tinha um tio que era padre foi levado até ele. O padre ao observar o comportamento de Zélio, ministrou um exorcismo, que não teve resultado nenhum, ou seja, as alterações de comportamento ainda continuavam. O padre, tio de Zélio, solicitou a presença de mais dois padres para fazer mais dois exorcismos, que não tiveram nenhum resultado. Diante da ineficácia dos métodos aplicados ao Zélio, psiquiatria e catolicismo, e o desespero dos pais, alguém sugeriu que as alterações de comportamento eram coisas de espiritismo, e que o melhor era levá-lo para a recém-formada Federação Espírita de Niterói, presidida por José de Souza. (Careli, 2021, p. 4-5).

Careli (2021) salienta que, ao chegar nessa Federação, Zélio, que estava em estado de transe, foi convidado a sentar-se à mesa dos trabalhos. De acordo com Trindade (1986), a Federação possuía algumas regras que incluíam que após sentar-se à mesa, as pessoas não poderiam mais levantar, pelo menos até o final dos trabalhos. No entanto, Zélio descumpriu essa regra e logo que sentou, levantou-se, e foi até o jardim, voltando com uma flor branca dizendo “aqui está faltando uma flor”.

Segundo a história, foi nesse contexto que ocorreu a manifestação espiritual conhecida como Caboclo das Sete Encruzilhadas. Trindade (1986) relata que, ainda incorporado em Zélio, a entidade fez uma declaração de que ele era um sacerdote chamado Gabriel Malagrida, que na época da inquisição foi acusado de bruxaria e condenado pela Inquisição portuguesa, sendo executado na fogueira após ter previsto e anunciado o terremoto de Lisboa, ocorrido em 1755.

Careli (2021) pontua que, no final do diálogo, o caboclo ordenou que Zélio Fernandino de Moraes o aguardasse no dia seguinte em sua casa, às 20h, e que estivesse presente no dia uma mesa com uma toalha branca e também uma flor branca e que ali o Caboclo anunciaria as normas e regras para a fundação de uma nova religião, onde todos os espíritos se manifestariam para atender espiritualmente todas as pessoas, por meio dos médiuns.

Sendo assim, na noite do dia 15 de novembro de 1908, um grande número de pessoas se reuniram frente à casa de Zélio, a fim de assistir novamente o tal acontecimento, estavam nesse dia, os familiares, sacerdotes católicos, membros da Federação Espírita e curiosos, que aguardavam a confirmação das palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Foi a partir dessa declaração que se consolida o Caboclo das Sete Encruzilhadas como figura central na constituição simbólica da histórica da Umbanda, representando assim um projeto religioso pautado na inclusão, na caridade e na valorização de identidades historicamente marginalizadas.

A respectiva autora destaca que, quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifestava em Zélio, ele realizou uma cura espiritual de uma pessoa com paralisia, e com a ajuda do espírito do Preto Velho Pai Antônio. Foi a partir desse momento que se fundou a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, onde ofereciam atendimento espiritual gratuito, baseados em princípios da humildade e da igualdade entre todos.

O Caboclo estabeleceu algumas normas para que a Tenda funcionasse como as sessões, atendimento gratuito e uso de roupas brancas pelos médiuns, simbolizando pureza e simplicidade. Com isso, a fama desse lugar se espalhou por conta dos atendimentos prestados

e fez com que muitas pessoas procurassem a Tenda, especialmente famílias que buscavam compreender se seus parentes apresentavam problemas de saúde mental ou mediunidade.

Para Careli (2021), com o crescimento do número de praticantes e a formação de novos médiuns, outras Tendas Espíritas de Umbanda foram fundadas, e receberam nomes de santos católicos, como Nosso Senhor do Bonfim, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição, Cosme e Damião, Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora dos Navegantes. Essas novas Tendas contribuíram para a expansão da Umbanda e de suas práticas religiosas, como os trabalhos espirituais dedicados à Orixá Iemanjá, ampliando a difusão da religião em diferentes regiões do Brasil.

Após retratar sobre a constituição histórica da Umbanda, a seguir apresentamos uma discussão pautada no léxico que se constitui em contextos específicos, como o umbandista, bem como consequências desses usos em torno da sociedade.

O léxico religioso trata-se do conjunto de palavras, expressões utilizadas em contextos de prática, crença e discurso religioso. Dentro da Sociolinguística, o léxico não é visto somente pela lente de um simples “vocabulário”, mas como um elemento que carrega valores culturais, identitários e sociais.

Bernardo e Mendes (2012, p. 15) discorrem que léxico e religiosidade têm uma relação. Para eles:

[...] a religiosidade é um fator de identidade cultural na vida das pessoas. Sendo está um aspecto da cultura, registra-se na língua, especificamente no léxico, pois é nele que simbolicamente se evidenciam com maior clareza a realidade na qual os sujeitos se inserem e mantêm suas relações cotidianas.

Nesse sentido, o léxico é um espaço privilegiado onde essa relação de fato se materializa. Com isso, é um erro se pensar em língua e não se pensar automaticamente em linguagem. A linguagem é uma capacidade, capacidade esta que nos diferencia dos animais irracionais (Fiorin, 2013). Quando falamos dos termos religiosos eles não são apenas vocábulos isolados, mas carregam valores simbólicos.

Tendo como base Bernardo e Mendes (2012), entendemos que a língua é meio de expressão que liga as práticas, valores e crenças que são compartilhados por uma determinada sociedade. Isso ocorre porque através do léxico é que podemos compreender as escolhas linguísticas dos falantes e, com esta pesquisa, percebemos que o uso que uma pessoa faz de determinada variante reflete os aspectos amplos, incluindo o aspecto religioso presente em seu cotidiano.

A religiosidade influencia diretamente o léxico, de acordo com a religião isso se manifestam nas escolhas lexicais dos falantes. Considerando, por exemplo, diferentes correntes religiosas, é possível identificarmos alguns termos próprios de cada tradição, muitos dos quais não são compartilhados entre elas. Quando pensamos, por exemplo, na Umbanda, o uso de determinadas palavras revela muito mais do que o sentido literal: ele evidencia pertencimento, tradição e continuidade cultural.

No caso da Umbanda, por exemplo, o léxico religioso é formado por termos como *terreiro*, *axé*, *entidade* e *médium*, que possuem sentidos próprios dentro desse contexto e muitas vezes não podem ser compreendidos plenamente fora dele. Mattozo (2016, p. 16) trata sobre isso: “Por exemplo, o termo padre é de uso exclusivo da Igreja Católica, pois se refere a um cargo eclesiástico que só existe na hierarquia dessa igreja. A Igreja Adventista adota o termo pastor para o mesmo referente (líder religioso).”

Cada religião possui um conjunto de termos que representam seus rituais e práticas e é um vocabulário específico compartilhado pelos seus adeptos. No entanto, quando essas denominações são empregadas por indivíduos externos que não pertencem ao grupo religioso, elas podem sofrer alterações de sentido e passar a expressar representações sociais construídas sobre aquela religião.

Assim, uma variante utilizada para designar o praticante da Umbanda pode não corresponder à terminologia adotada pelos próprios adeptos, mas à forma como essa religião é percebida por outros grupos sociais. É importante ressaltar que algumas variantes podem assumir carga pejorativa, em vez de identificar um praticante de determinada religião.

Nesses casos, a escolha lexical deixa de exercer apenas uma função denominativa e passa a expressar preconceitos, intolerância religiosa e relações de poder historicamente construídas na sociedade.

Oliveira (1985, p. 25-26), ao definir a rezadeira, afirma que

ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular. De modo semelhante ao médico feiticeiro indígena, ao xamã que se tornou um especialista na ciência de curar doenças através da medicina popular, dos conhecimentos da magia e da religião, a benzedeira é, na sociedade urbana, uma pessoa que possui uma função similar. Mas também evoca algumas lembranças das bruxas [...] ela faz adivinhações, às vezes lê sorte, lida com o mistério e com as coisas do além.

Essa discussão contribui para compreender que as representações sociais influenciam diretamente a forma como determinados grupos religiosos são percebidos e nomeados. Esse

fenômeno é particularmente evidente em relação às religiões de matriz africana, que, ao longo da história brasileira, foram alvo de discriminação e estigmatização.

Em razão desse contexto, algumas palavras empregadas para designar seus praticantes carregam sentidos depreciativos que não correspondem à identidade religiosa reconhecida por eles. Assim, determinadas variantes refletem muito mais as representações sociais e os estereótipos construídos sobre essas religiões do que sua terminologia religiosa propriamente dita.

Quando determinado conhecimento sobre uma religião é limitado, muitas pessoas tendem a se basear em estereótipos, renomeando praticantes de determinadas religiões que não corresponde ao seu perfil. Então, é perceptível que escolhas lexicais refletem as crenças, preconceitos e imaginários sociais, e não apenas o significado efetivo dos termos.

No caso das religiões de matriz africana, esse fenômeno ainda é mais recorrente pois seus adeptos são frequentemente associados, por parte de alguns segmentos da sociedade, a práticas de feitiçaria, magia ou bruxaria. Embora a religião dos informantes não tenha sido alvo dessa pesquisa, podemos perceber que determinados usos podem estar associados pelas tradições religiosas e por representações sociais externas, marcadas por estigmas historicamente construídos.

Feitas essas considerações teóricas sobre a sociolinguística e o léxico em uma perspectiva variacional, apresentamos, a seguir, uma discussão sobre a geolinguística com enfoque em suas contribuições aos estudos em torno da variação linguística.

2.3 A geolingüística

Embora esta pesquisa esteja inserida no campo da Sociolinguística, seus resultados também evidenciam a relevância da Geolinguística. Isso porque as variantes identificadas refletem características próprias da comunidade de fala de São Bernardo (MA), demonstrando que a distribuição do léxico está diretamente relacionada ao espaço geográfico e às especificidades socioculturais da região. Assim, o estudo contribui não apenas para a compreensão das relações entre língua e sociedade, mas também para o conhecimento da diversidade lexical presente no território maranhense.

A Geolinguística é uma área que estuda a variação linguística a partir do espaço geográfico. Segundo Ferreira (2024), a Geolinguística tem como principal objetivo investigar a língua considerando a distribuição geográfica dos falantes, ou seja, evidenciando as diferenças linguísticas diretamente relacionadas ao espaço onde os indivíduos vivem. Nessa perspectiva,

a variação geográfica ocorre quando pessoas de diferentes localidades utilizam palavras distintas para designar um mesmo objeto.

Nessa perspectiva, Ferrarezi Junior (2019, p. 72) asseguram que “[...] uma mesma palavra de uma mesma língua funciona bem com um sentido x em grupo de falantes e, simplesmente, não funciona com esse sentido em outro grupo de falantes da mesma língua”. Entendemos, a partir das ideias dos autores, que o significado das palavras é construído socialmente e, por sua vez, é compartilhado dentro de comunidades.

No Brasil, por exemplo, essa diversidade é bastante evidente, o que reflete a riqueza cultural do nosso país. De acordo com Razky e Coimbra (2018), os estudos geolinguísticos no Brasil têm demonstrado um avanço significativo, sobretudo com a produção de atlas linguísticos e pesquisas monográficas que contribuem para a descrição do português brasileiro.

No entanto, os autores ressaltam que ainda há lacunas importantes, uma vez que nem todos os espaços sociolinguísticos foram contemplados, o que torna necessária a ampliação dessas pesquisas para uma compreensão mais abrangente da língua. A Geolinguística incorpora também aspectos sociais e culturais que influenciam o uso da língua como idade, escolaridade, gênero, identidade social e contexto cultural.

A dimensão continental do Brasil, que o coloca na posição de ser o maior país da América do Sul e o quinto maior do mundo em área territorial, atualmente não é um grande desafio para a descrição do português brasileiro sob o ponto de vista diatópico. Isso porque, em pouco mais de meio século do surgimento da Geolinguística brasileira, a investigação da variação linguística tem se expandido em diferentes direções, cobrindo territórios antes não investigados, chegando a comunidades isoladas em todo o país a partir de centros de pesquisas das universidades e da formação de recursos humanos em diferentes níveis (graduação, mestrado e doutorado) (Romano, 2020, p. 11).

Como salienta Romano (2020), a Geolinguística no contexto brasileiro está cada vez mais avançando, graças a estudos e pesquisas voltados à descrição do nosso português brasileiro. É de conhecimento de todos que o Brasil carrega em sua bagagem uma enorme diversidade cultural e linguística e com o desenvolvimento da Geolinguística e outras áreas de pesquisa acabou ampliando significativamente as investigações sobre a variação linguística em nosso país. Além disso, Romano (2020) discorre que estudos geolinguísticos passaram a expandir até mesmo para comunidades até então isoladas. Graças a pesquisas geolinguísticas, podemos entender como funciona nossa língua, identificar diferentes formas de falar, modos de pronunciar palavras, escolhas lexicais e até mesmo as construções linguísticas.

Como bem pontuado pelo referido autor antes, a geolinguística era centrada mais em descrições das variedades regionais, mas como sabemos atualmente ela dialoga com outras

áreas, como com a Sociolinguística e a Dialetoлогия. Nesse contexto, investigações realizadas por universidades e centros de pesquisas tanto em um contexto amplo que compõe o Brasil, como especificamente o estado do Maranhão, têm buscado registrar e analisar aspectos do português falado no estado, observando diferenças de pronúncia, vocabulário, expressões populares e construções linguísticas características de determinadas localidades.

O método geolinguístico é amplamente utilizado por possibilitar a investigação da língua em seu contexto real de uso:

Para Ferreira (2024, p. 18),

O método geolinguístico é fundamental para que se possa coletar os dados dentro de lugares e regiões diferentes. Pois essa área da linguística tem como função analisar dados da língua por meio de técnicas como por exemplo: questionários e entrevista, que servem para coletar elementos linguísticos de determinadas regiões. Tais elementos são relacionados de acordo com as informações geográficas.

Na presente pesquisa, a utilização do método geolinguístico permitiu registrar as diferentes denominações atribuídas ao termo “umbandista”, bem como a existência de variação lexical entre os participantes. A aplicação do questionário aos informantes possibilitou a coleta de dados diretamente na comunidade investigada, garantindo que as respostas refletissem o uso espontâneo da língua e as particularidades do léxico local.

Sobre a seleção dos informantes na base geolinguística, Cardoso (2010, p. 91) enfatiza que, para selecionar os informantes, deve se considerar alguns critérios como a naturalidade do informante, inserção social, idade, sexo e escolaridade, visto que esses fatores influenciam as escolhas linguísticas dos falantes. Ademais, considerar esses elementos permite uma maior representatividade dos dados coletados e apresenta uma amostra mais precisa das variantes linguísticas distribuídas entre grupos sociais e regiões geográficas.

Cardoso (2010) salienta que não é necessário um número elevado de amostra de informantes para produzir bons resultados. O ideal é que os informantes selecionados sejam de fato naturais ou moradores do local investigado por um longo período já que isso possibilita analisar as características que permite identificar os fenômenos linguísticos presentes naquele espaço geográfico.

Diante da importância da geolinguística discutida neste tópico, tanto para a sociolinguística como para a dialetologia, a seguir discutiremos sobre alguns estudos de base dialetológica no contexto de fala maranhense.

2.3.1 Estudos dialetais no Maranhão

Os estudos dialetais buscam identificar e descrever as distintas formas de realização da língua em determinados espaços geográficos. A língua deixa de ser vista como homogênea e passa a ser entendida como um fenômeno sujeito a variações decorrentes das experiências e das interações dos seus falantes. Para Cardoso (2016, p. 13), dialetologia é o “ramo da linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”.

Os estudos dialetais no estado maranhense têm crescido significativamente nos últimos anos, sobretudo com o desenvolvimento de pesquisas em dialetologia, geolinguística e sociolinguística. No contexto maranhense, a variação dialetal é bastante rica, essa riqueza no território maranhense é resultado da formação histórica da região, que envolveu a presença de povos indígenas, africanos e europeus. Apesar das consequências gritantes da colonização e da escravização, a diversidade contribuiu para a constituição de falares entre o litoral, a capital e o interior do estado.

Um dos estudos dialetais, para citar alguns, foi realizado no estado do Maranhão por Sousa e Santos (2022), intitulado: *A variação semântico-lexical maranhense no campo convívio e comportamento social: uma análise dialetal do corpus constituído por questões específicas do ALiMA*. A pesquisa ocorreu em dezesseis localidades que compõem a rede de pontos do ALiMA, que foram escolhidas por representarem as mesorregiões do Maranhão.

O trabalho teve como objetivo analisar quais palavras ou expressões maranhenses eram utilizadas para nomear alguns comportamentos, atitudes, características pessoais e situações do cotidiano, para entender como essas denominações variam conforme a região. Para isso, foram investigados alguns municípios das mesorregiões do Maranhão: São Luís, Alto Parnaíba, Tuntum, Araiões e Imperatriz. O estudo não se limitou somente à identificação das palavras, mas também procurou compreender como aspectos culturais, sociais e identitários influenciam os usos linguísticos dos falantes maranhenses.

Para isso, os pesquisadores aplicaram questionários que continham algumas perguntas como: “Que nomes dão a uma pessoa envergonhada?”; “Como se diz de uma coisa feita às pressas e sem cuidado?”; “Quando uma pessoa age com safadeza, se diz: deixa de...”

A partir das respostas, foram identificadas algumas variantes lexicais para um mesmo significado. Por exemplo, para a questão sobre “um homem afeminado”, apareceram termos como *veado*, *gay*, *boiola*, *bicha*, *qualira* e outros. Já para “uma coisa feita às pressas e sem

cuidado”, surgiram variantes como *mal feito*, *bagunçado*, *feito de qualquer jeito* e diversas expressões regionais. Como síntese dos resultados obtidos, os pesquisadores concluíram que a variação diatópica influencia os usos linguísticos. Além disso, as cidades de São Luís e Imperatriz foram as localidades com maior diversidade de variantes.

Além dessa pesquisa, outros estudos geolinguísticos realizados no Maranhão também demonstram a riqueza e a diversidade lexical presente no estado. Os resultados obtidos nessas pesquisas contribuem para a compreensão das variedades linguísticas do Maranhão, pois permitem registrar formas de falar muitas vezes ausentes da norma-padrão, mas amplamente utilizadas nas práticas comunicativas cotidianas.

Tendo em vista essa discussão teórica que evidencia a variação linguística como realização legítima em sociedade e passível de sistematização no âmbito dos estudos linguísticos, evidenciamos uma ampliação no nosso olhar sobre as variações lexicais usadas como designações para a palavra “umbandista” na cidade de São Bernardo (MA). A seguir, apresentamos o contexto metodológico da investigação, para uma melhor compreensão de como procedemos na realização deste estudo sociolinguístico.

3 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA INVESTIGAÇÃO

Nesta seção, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, a fim de situarmos o contexto de produção e execução de materiais e métodos investigativos para a análise da variação lexical em torno da palavra “umbandista” na cidade de São Bernardo (MA).

3.1 Contextualização do lócus de pesquisa: a cidade de São Bernardo (MA)

São Bernardo está localizada no interior do estado do Maranhão, especificamente no Baixo Parnaíba Maranhense. Conforme o site *Cidades do Meu Brasil*², o município situa-se a uma latitude de 03°21'41" sul e longitude de 42°25'04" oeste, com altitude aproximada de 43 metros. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município possui uma população de aproximadamente de 27.910 habitantes e uma extensão territorial de 1.005,823 km².

No que diz respeito aos aspectos socioculturais, o município destaca-se principalmente por sua manifestação religiosa, especialmente o tradicional Festejo de São Bernardo, realizado anualmente no mês de agosto, em homenagem ao santo padroeiro da cidade. Os primeiros registros de ocupação da região bernardense foi com a chegada dos padres jesuítas por volta de 1700.

Estes índios se expandiram por São Bernardo, cujo desenvolvimento civilizatório se antecipou ao de Brejo. Foi aliás, daqui que partiu a colonização numa referência muito singular. Eram de estatura baixa e cultura neolítica: agricultura avançada, grandes oleiros, bons tecelões e excelentes navegadores. Domesticavam animais. Eram uma família ameríndia, originária de Porto-Malaios. Pertenciam a quarta corrente migratória. (Vaz, 2016, p. 25, *apud* Silva, 2017, p. 28).

O município de São Bernardo (MA) teve sua formação iniciado no século XVIII, embora não haja registros documentais precisos sobre seu marco inicial. Segundo alguns registros históricos, a ocupação do território maranhense se deu à atuação dos padres jesuítas, que, por volta do ano de 1700, chegaram à região com o objetivo de catequizar as populações indígenas, estabelecendo-se às margens do rio Buriti.

Nesse contexto, foi construída uma igreja sob a invocação de São Bernardo, em homenagem ao padroeiro da cidade, ao longo do tempo, o desenvolvimento da cidade esteve

² Disponível em: https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/ma/sao_bernardo4. Acesso em: 24. jan. 2026.

ligado à agricultura e à pecuária, atividades que permanecem como bases econômicas do município até os dias atuais.

Conforme Vaz (2016, *apud* Silva, 2017), os povos indígenas habitavam a região bernardense antes da chegada dos colonizadores. Supõe que pertenciam, em sua maioria, ao grupo dos tupinambás e possuíam grande habilidade em atividades artesanais, como a olaria e a tecelagem. Além disso, foram eles que contribuíram, juntamente com os negros africanos trazidos pelos padres jesuítas, para o povoamento e para o desenvolvimento da atual cidade.

A localização de São Bernardo é próxima a outros municípios do Maranhão e ao estado do Piauí, o que pode favorecer o contato entre diferentes grupos de falantes, resultando em trocas culturais e linguísticas.

A cidade aos poucos foi sendo construída dentro de um sistema colonial, com suas ruas e entre os morros, a margem do rio Buriti, nome este designada pelos jesuítas. São Bernardo foi sendo cada vez mais desbravado pelos seus primeiros habitantes, que desenvolveram as primeiras atividades econômicas que eram a agricultura e pecuária, conseqüentemente outros moradores também chegaram à cidade como os filhos dos índios nativos, dos portugueses e africanos, que foram donos absolutos do território, além dos filhos do estado do Piauí e estado do Ceará, a procura de serviço e melhoria de vida, todos atraídos pelo comércio e fertilidade do solo para o cultivo da agricultura e da pecuária (Vaz, 2016, *apud* Silva, 2017, p. 34).

Assim, a fala da população de São Bernardo foi sendo construída a partir da influência desses diferentes grupos, e isso reflete essas marcas da colonização, dos fluxos migratórios e das relações estabelecidas ao longo da história do município.

No município de São Bernardo, observamos um falar marcado por expressões culturais que são heranças históricas e sociais que faz parte da identidade da comunidade. Essa forma de falar da população bernardense pode ser compreendida pelo processo linguístico que Lucchesi (2009) denomina de transmissão linguística irregular.

Os modelos disponíveis para a Transmissão geracional nesses contextos certamente apresentavam déficits em relação às situações ‘normais’, em que uma nova geração desenvolve sua língua materna a partir dos modelos fornecidos pela língua nativa de seus pais. A diferença reside crucialmente no fato de que, a situação ‘normal’ as crianças dispõem, como modelo de uma língua plena, adotada de todos os mecanismos gramaticais, enquanto, nos casos em que ocorrem o que a que se denominará de transmissão linguística irregular, as crianças têm de atender aos requerimentos de marcadores de tempo, modo e aspecto de regência e ligação, operadores pronominais, e etc. inerentes ao desenvolvimento de sua língua materna, a partir de dados linguísticos primários, que provêm no caso da maioria dos adultos que as cercam de sua segunda língua desprovida da maior parte desses elementos e mecanismos gramaticais. (Lucchesi, 2009, p. 29).

No caso de São Bernardo, essas marcas no falar da comunidade seriam resultados dos impactos históricos do contato entre línguas e culturas, que deixaram traços perceptíveis na fala da comunidade. Muitos dos traços linguísticos carregam significados pejorativos que, em algum contexto, mesmo que acidentalmente, acaba por legitimar a identidade de determinados grupos.

As diversas maneiras de falar da população, inclusive no que se refere ao léxico, se desenvolveu a partir do contato que o estado do Maranhão e a própria cidade teve com diferentes línguas e culturas ao longo da história.

O Maranhão, como região pertencente ao nordeste brasileiro foi marcado por intensa miscigenação cultural, onde a partir desse contato recebeu influências de povos indígenas, africanos e europeus, o que de certa forma contribuiu gradativamente para a formação de uma diversidade linguística bem ampla.

A diversidade que situa o contexto maranhense se concentra também no âmbito religioso. Nesse aspecto, é importante retratar, a seguir, esse quadro como forma de fomentar uma melhor compreensão a respeito do contexto de uso linguístico a que nos referimos nesta investigação.

3.1.1 A presença de religiões de matriz africana em São Bernardo (MA)

O município de São Bernardo (MA) está inserido em um contexto marcado pela diversidade religiosa. Embora o catolicismo e as denominações evangélicas ocupem maior visibilidade na cidade, a Umbanda ainda permanece presente na cidade, por meio de terreiros e casas religiosas. Há, no município, por exemplo, a preferência de praticantes renomear seus terreiros pela denominação *Tambor de Mina*, mesmo diante do reconhecimento oficial da Umbanda.

E embora haja documentos que validem as práticas realizadas no município de São Bernardo (MA) como Umbanda, os praticantes, especialmente, os mais velhos, denominam-se como praticantes de Tambor de Mina, preservando assim anos de tradições e de identidade cultural. (Pereira, 2021, p. 28).

O Tambor de Mina trata-se de uma manifestação religiosa afro-brasileira que foi desenvolvida no estado do Maranhão, com o passar do tempo ela se expandiu para outros estados como Amazonas, Pará, Piauí, São Paulo e no Rio de Janeiro. Essa religião une diferentes tradições como africanas, indígenas e europeias. Os rituais do Tambor de Mina ocorrem por meio dos batuques de tambores sagrados e por meio disso eles invocam as suas entidades.

A história do Tambor de Mina está intrinsecamente associada à própria história da escravidão. Enveredar-se nessa perspectiva sócio-histórica é relembrar o passado de homens e mulheres de pele negra que trouxeram sangue de uma África apagada pela história de colonização portuguesa e brasileira. (Pereira, 2021, p.15)

A respectiva autora aponta a Tenda Caboclo Sete Flechas como uma das mais antigas Casas de Mina do município de São Bernardo (MA). Segundo ela não foi possível determinar a data de fundação da tenda, em razão da ausência de documentos e registros históricos que comprovem sua origem. Conforme a bibliografia consultada por Pereira (2021), a Tenda é credenciada à Fundação de Umbanda do Baixo Parnaíba como templo de Umbanda. Mas, os praticantes se autodenominam mineiros, e não umbandistas, e esse aspecto evidencia as especificidades das tradições religiosas presentes no município.

Em São Bernardo (MA), práticas religiosas de matriz afro-brasileira, como a Umbanda, apresentam especificidades locais. É importante destacar que este trabalho não pretende afirmar que a Tenda Caboclo Sete Flechas seja o único espaço de práticas afro-religiosas existente em São Bernardo. Sabemos da presença de outras comunidades e terreiros no município; contudo, não foram localizadas fontes históricas ou estudos que abordassem essas comunidades de forma detalhada.

3.2 Classificação da pesquisa

Neste trabalho, foi realizada uma pesquisa de cunho quali-quantitativo para responder aos nossos questionamentos acerca do uso de diferentes denominações referentes ao termo pesquisado, dentre outros fatores atribuídos aos praticantes da umbanda.

A pesquisa quali-quantitativa é uma abordagem metodológica que combina elementos de pesquisa qualitativa e quantitativa. Neste tipo de pesquisa, os pesquisadores buscam obter informações detalhadas e aprofundadas sobre um determinado fenômeno, ao mesmo tempo em que utilizam técnicas estatísticas para analisar e interpretar os dados coletados. (Lunetta; Guerra, 2024, p. 6).

No âmbito da pesquisa sociolinguística, esse tipo de abordagem é necessário e adequado, visto que a essência de fenômenos como das variações lexicais ligado a essa abordagem eleva a validade e a profundidade dos dados coletados, além de permitir analisar a língua em seu aspecto social e cultural, para poder compreender os sentidos e contextos em que tais variações ocorrem, levando em conta os fatores como, gênero, idade e escolaridade, que são o foco desta pesquisa.

Em consonância com os objetivos propostos, essa pesquisa classifica-se, quanto aos objetivos, como de caráter exploratório e descritivo.

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema em questão, sendo útil para o desenvolvimento de hipóteses e para a definição de abordagens mais específicas. Já a pesquisa descritiva busca descrever fenômenos e características de determinada realidade [...]. (Lunetta; Guerra, 2024, p. 2).

No contexto deste estudo, a escolha por uma pesquisa exploratória e descritiva permite não apenas documentar as variedades das variantes encontradas, mas também compreender os significados sociais atribuídos às formas linguísticas utilizadas.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa classifica-se como pesquisa de campo, tendo em vista que a coleta de dados foi realizada diretamente na residência dos informantes.

Segundo Lunetta e Guerra (2024), a escolha desse tipo de pesquisa é fundamental, tendo em vista a maior proximidade do pesquisador com a realidade investigada, favorece a obtenção de dados mais precisos. No contexto das ocorrências de determinadas nomeações, a coleta de dados diretamente com os falantes contribui significativamente para a compreensão dos contextos socioculturais que condicionam as variações lexicais, permitindo assim relacioná-las a fatores que são essenciais para a compreensão da relação entre língua, identidade e sociedade.

3.3 Pontos de inquéritos

Os pontos selecionados para a realização desta pesquisa estão distribuídos em diferentes bairros do município de São Bernardo (MA). Ressaltamos que, devido à familiaridade com alguns dos informantes, optamos por realizar a pesquisa diretamente em suas casas. Essa escolha contribuiu para facilitar o processo de entrevista e para estabelecer um ambiente de maior confiança entre pesquisadora e informantes. Os referidos bairros são: Planalto, Morro da Arábia, Centro, Sol Nascente, Mamuí, Avenida e Abreu. As respectivas ruas estão inseridas no quadro 1.

3.4 Perfil dos informantes

Por se tratar de uma pesquisa de caráter lexical, a escolha dos informantes também seguiu os princípios metodológicos do ALiB. O perfil dos informantes do ALiB leva em consideração as quatro variáveis: idade, sexo, escolaridade e naturalidade, critérios necessários para uma análise mais abrangente da variação linguística nas comunidades investigadas.

Para a realização da pesquisa, foi escolhida uma amostra composta por 24 informantes, sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Para confidencialidade dos informantes eles são renomeados por Informante I, Informante II e assim sucessivamente.

Todos os moradores são residentes da zona urbana da cidade. Para a variável social gênero foram contemplados um homem e uma mulher para cada, para a variável social idade foram contemplados três níveis e para a escolaridade quatro níveis, como podemos conferir no quadro 1.

No que se refere à escolaridade, os informantes foram organizados em quatro níveis: analfabetos, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Os participantes foram distribuídos em três faixas etárias: Faixa I (18 a 35 anos), Faixa II (36 a 55 anos) e Faixa III (56 anos ou mais).

O quadro 1 que caracteriza o perfil, local de residência, faixa etária, escolaridade e gênero foi organizado da seguinte forma:

Quadro 1 – Perfil dos informantes

Faixa etária 1 (18 a 35 anos)				
Informante	Localidade(Rua)	Gênero	Escolaridade	Idade
1	Ivar Saudanha	Masculino	Analfabeto	34 anos
2	Ivar Saudanha	Feminino	Analfabeta	24 anos
3	Ivar Saudanha	Masculino	Fundamental	27 anos
4	José Coutinho de Almeida	Feminino	Fundamental	31 anos
5	São Sebastião	Masculino	Médio	27 anos
6	Dom Pedro II	Feminino	Médio	26 anos
7	Edmundo Pereira	Masculino	Superior	32 anos
8	Cônego Nestor	Feminino	Superior	22 anos
Faixa etária 2 (36 a 55 anos)				
Informante	Localidade	Gênero	Escolaridade	Idade
9	Ivar Saudanha	Masculino	Analfabeto	55 anos
10	Emílio Cassemiro de Castro	Feminino	Analfabeta	52 anos
11	Ivar Saudanha	Masculino	Fundamental	51 anos
12	José Coutinho de Almeida	Feminino	Fundamental	45 anos
13	Projetada	Masculino	Médio	38 anos
14	Cônego Nestor	Feminino	Médio	42 anos
15	Projetada	Masculino	Superior	36 anos
16	Rua Osvaldo Cruz	Feminino	Superior	36 anos
Faixa etária 3 (56+ anos)				
Informante	Localidade	Gênero	Escolaridade	Idade
17	Ivar Saldanha	Masculino	Analfabeto	62 anos
18	Ivar Saldanha	Feminino	Analfabeta	73 anos
19	Osvaldo Cruz	Masculino	Fundamental	57 anos
20	Ivar Saldanha	Feminino	Fundamental	86 anos

21	Ivar Saldanha	Masculino	Médio	70 anos
22	Edmundo Pereira	Feminino	Médio	56 anos
23	Cajueiro	Masculino	Superior	57 anos
24	Cônego Nestor	Feminino	Superior	62 anos

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Coelho *et al.* (2010) pontua que a comunidade de fala é uma etapa fundamental da pesquisa sociolinguística, pois a partir dela que ocorre a seleção dos informantes. As autoras afirmam que é necessário identificar as características do grupo que será investigado, seus aspectos como a localização (zona urbana ou rural), e além disso, ressaltam que a escolha dos participantes deve levar em conta fatores sociais, como escolaridade, faixa etária, sexo e outros aspectos relevantes para representar adequadamente a comunidade e possibilitar uma análise consistente da variação linguística. Foi a partir dessa concepção que os informantes desta pesquisa foram escolhidos.

3.5 Instrumentos de geração de dados

O método da Sociolinguística Laboviana é bem criterioso, pois trata-se de uma metodologia de pesquisa de campo que deve considerar alguns aspectos, que sem eles não possibilita uma pesquisa sociolinguística eficiente. Dentre eles estão os instrumentos de geração de dados.

Sendo assim para a coleta de dados, nos baseamos nos documentos de geração de dados do ALiB que, segundo Biderman (1978), é um dos responsáveis em impulsionar análises detalhadas de vários fenômenos linguísticos, tanto na perspectiva fonética, lexical como na morfossintática. É através dele que se revela a rica variação dialetal que compõe o nosso português e onde também passamos a compreender as transformações sociais e coletivas que incidem nos usos linguísticos.

Segundo Yida (2021, p. 535):

O nível lexical, por ser mais aberto, reflete as mudanças linguísticas e as particularidades coletivas, tais como as transformações sociais e culturais. Tais mudanças incidem nos usos linguísticos que, especialmente no âmbito do léxico, podem identificar uma comunidade linguística. Esse repertório vocabular característico partilhado por um grupo de falantes que convivem em um determinado espaço geográfico integra-se sob a égide de uma norma linguística. Essas formas linguísticas que caracterizam uma comunidade ainda revelam aspectos sociais, culturais e identitários da formação humana e as modificações impressas pelos contatos com outros grupos linguísticos.

Sendo assim, o levantamento do *corpus* para atingir todos os objetivos desta pesquisa foi realizado por meio de procedimentos sequenciais. Isquierdo e Romano (2012) discorrem que embora o ALiB não considere como critérios de seleção dos informantes, outros instrumentos

contribuem significativamente para a interpretação e análise dos dados linguísticos obtidos nos inquéritos como a ficha do informante, instrumento aplicado antes e após cada entrevista, com o objetivo de reunir dados extralinguísticos que podem influenciar o uso da língua.

Esse instrumento de coleta foi utilizado nesta pesquisa, mas não foram utilizados todos os seus itens de forma integral, uma vez que realizamos uma seleção dos aspectos considerados mais relevantes para os objetivos deste estudo.

3.5.1 Ficha do Informante

No ALiB, a Ficha do Informante se divide em duas partes: a primeira abrange questões 1 a 19 em que são levados em conta os dados pessoais do informante; e a segunda, da 20 a 37 que se refere aos meios de comunicação que fazem parte do cotidiano do informante. Para esta investigação, foram utilizadas apenas as questões da primeira parte da ficha, por compreenderem informações relevantes ao perfil sociolinguístico dos participantes, como nome, idade, sexo, escolaridade, naturalidade, religião, estado civil e tempo de permanência na localidade, como podemos observar nos apêndices deste trabalho.

Segundo Mollica (2003), a Ficha do Informante é um instrumento metodológico importante, tendo em vista que, a ficha não se limita somente ao registro de informações, mas enfatiza aspectos fundamentais para os estudos linguísticos, como o local onde o informante nasceu, ou quanto tempo reside na comunidade, essas e outras informações nos apresenta a possível influência da língua materna do informante assim como possibilita possível análise de influências socioculturais que formaram o repertório linguístico do falante.

A Ficha do Informante utilizada para a coleta de dados considerou apenas alguns itens considerados relevantes para os objetivos desta pesquisa, como: dados pessoais do informante (nome, sexo, idade, endereço, estado civil e naturalidade), aspectos de mobilidade (idade de chegada ao município e possíveis deslocamentos), nível de escolaridade, outros cursos realizados, religião, além de informações referentes à entrevista, como data e local de aplicação.

Essa seleção foi feita de forma adaptada, visando adequar o instrumento à realidade da pesquisa e ao perfil dos informantes, sem a necessidade de utilização integral da ficha original.

3.5.2 Questionário semântico-lexical baseado no ALiB

Instrumento amplamente utilizado em pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas. O Questionário Semântico Lexical (QSL) contém 202 perguntas. O volume editado em 2001 foi

dividido em 14 campos semânticos nos quais está inserido o campo religioso, especificamente em religiões e crenças onde se insere esta pesquisa. Assim, o questionário desta pesquisa foi elaborado em formato semiestruturado, possibilitando captar, de maneira mais precisa, as especificidades do léxico investigado.

Nesta pesquisa, foram utilizados dois tipos de questionários, com finalidades distintas para atender a todos os objetivos. O primeiro corresponde ao Questionário Semântico-Lexical (QSL), que tem como objetivo identificar e analisar as variações lexicais presentes no discurso dos participantes, considerando as diferentes variáveis sociais envolvidas. Neste questionário fazem parte as seguintes questões:

1. Como chamam aqui a mulher ou homem que tira o mau-olhado com rezas e que trata doenças com ervas e plantas?
2. Como você chama uma pessoa que recebe entidades durante rituais?
3. Como você chama alguém que atende pessoas para resolver problemas espirituais?
4. Como você chama as pessoas desta imagem?
5. Você conhece outros nomes para essas pessoas?
6. Já ouviu outras pessoas esse termo? Sim ou Não
7. Em que situações você usa esse termo?
8. Como você avalia esse termo? Muito negativo, negativo, neutro () positivo muito positivo
9. Por quê?

O segundo questionário consistiu em perguntas voltadas à identificação de estigmatização. Por meio dele, buscamos compreender as percepções dos participantes em relação aos termos utilizados, investigando se determinadas nomeações são consideradas positivas, negativas ou neutras, bem como se são percebidas como formas de ofensa, discriminação ou desvalorização. Neste questionário fazem parte as seguintes questões:

10. Você acha que esse termo pode ser usado de forma ofensiva? Sim, não ou depende?
11. Você acha que pessoas que frequentam religiões de matriz africana sofrem preconceito? Sim ou não?
12. Você já ouviu alguém usar palavras para ofender essas pessoas? Sim ou não e se sim, quais?
13. Você acha que existem termos mais respeitosos que outros? Sim, não se sim, quais?

14. Você evita usar algum termo? Sim, não se sim, qual(is) e por quê?

Dessa forma, enquanto o primeiro questionário se concentrou na coleta e análise das variantes lexicais, referente ao primeiro objetivo desta pesquisa, o segundo foi voltado às representações sociais e aos possíveis estigmas associados à linguagem, especialmente no contexto da Umbanda que se refere ao terceiro objetivo dessa pesquisa.

3.5.3 Utilização de imagens e gravadores

Foi utilizada uma imagem referente a quarta pergunta do questionário (a mesma para todos os entrevistados). A pergunta visou auxiliar na escolha da variante, bem como na apreensão dos sentidos atribuídos às variações lexicais, o que dialoga tanto com o primeiro quanto com o terceiro objetivo específico desta pesquisa. Sugerimos conferir o instrumento nos apêndices.

Para posterior análise e fidelidade dos dados na transcrição, optamos pela gravação em áudio das respostas durante a pesquisa, com a permissão do informante, permitindo assim um detalhamento das escolhas lexicais e dos valores sociais ou processos de estigmatização associados ao praticante de umbanda.

No contexto desta pesquisa, a escolha da utilização do gravador de áudio durante a aplicação do questionário visou garantir que todas as respostas atribuídas ao termo umbandista fossem registradas de forma precisa, evitando perdas ou distorções que poderiam comprometer posterior análise.

Nas entrevistas sociolinguísticas o entrevistador deve tentar (i) neutralizar a força inibidora de sua presença (já que ele é uma pessoa estranha à comunidade) e do gravador, mostrando-se interessado, de fato, nas histórias que os informantes vão contar; (ii) realizar o mínimo de interferências no momento em que o informante estiver discorrendo sobre os assuntos que despertem o seu interesse. Tomando esses cuidados, o pesquisador estimula o informante a ‘soltar’ seu vernáculo e garante textos com unidade discursiva e não fragmentados. (Coelho *et al.*, 2010, p. 119).

Em consonância com Coelho *et al.* (2010), durante a entrevista, foi adotado desde o início até o fim da entrevista uma postura que o informante não notasse a presença da pesquisadora, justamente para favorecer a espontaneidade entre entrevistador e entrevistado.

Optamos pela utilização de um gravador do celular, por possibilitar o registro fiel das entrevistas, preservando as características da fala dos participantes para posterior transcrição e análise.

Além disso, procuramos interferir o mínimo possível durante a interação, criando um ambiente de confiança que favoreceu a obtenção de dados representativos, essenciais para a interpretação das variações linguísticas e de seus condicionamentos sociais.

Além de possibilitar o registro fiel das entrevistas, o uso do gravador permitiu captar aspectos que dificilmente seriam registrados apenas por meio de anotações. Durante a coleta de dados, foi possível observar pausas prolongadas, momentos de hesitação, reformulações das respostas e expressões de riso, elementos que revelam processos de reflexão dos informantes diante das perguntas.

Também foram registrados comentários, insinuações e outras manifestações discursivas relacionadas aos praticantes, aspectos que contribuíram para uma compreensão mais ampla das possíveis interpretações e atitudes sociais presentes no discurso. Dessa forma, o uso do gravador mostrou-se um recurso fundamental, pois preservou características da oralidade que enriqueceram a análise sociolinguística dos dados.

3.6 Teste piloto dos Questionários

Antes do início da coleta, foi realizada uma pesquisa piloto com o objetivo de verificar a eficácia dos instrumentos que seriam utilizados para a obtenção dos dados. Yin (2005) pontua que o uso do teste piloto antes da oficial coleta de dados é importante para uma pesquisa efetiva, visto que contribui para a qualidade dos dados obtidos. Desse modo, antes da aplicação definitiva dos questionários, foi desenvolvida uma etapa preliminar com o intuito de testar a funcionalidade dos instrumentos utilizados no estudo.

Nessa fase preliminar, foram aplicados os questionários a participantes próximos, permitindo assim verificar a clareza das perguntas na obtenção dos dados necessários. Essa fase possibilitou observar possíveis dificuldades durante as entrevistas e realizar ajustes importantes para a continuidade da pesquisa. Os testes feitos com esses participantes não foram incluídos na análise dos dados, somente foram utilizados para fins de validação dos instrumentos.

3.7 Apresentação e aplicação do TCLE

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi um dos primeiros instrumentos que foram utilizados nessa pesquisa. Por meio dele, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, seus procedimentos e garantias éticas, sendo solicitado o consentimento livre para participação nas entrevistas.

Esse processo assegura o respeito aos direitos dos participantes, garantindo sua autonomia e confidencialidade durante e após a pesquisa.

O TCLE permite que os participantes tenham conhecimento dos objetivos da pesquisa, assim como dos procedimentos adotados e os possíveis riscos e benefícios envolvidos no estudo. A todo momento foi garantida a transparência antes, durante e pós a entrevista, permitindo, assim, que todos os participantes envolvidos tivessem liberdade para aceitar ou recusar sua participação, bem como desistir do estudo em qualquer momento, caso considerassem necessário.

4 ANÁLISES DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados alcançados. Para que esta pesquisa ocorresse, foram levantados três objetivos específicos, que se distribuem nas três subseções subsequentes. Na subseção 4.1, serão apresentadas e discutidas todas as denominações encontradas atribuídas ao termo “umbandista”, que corresponde ao primeiro

objetivo específico que reflete a identificação das variantes lexicais utilizadas para designar o praticante da Umbanda no município investigado.

Na subseção 4.2, é apresentada a distribuição dessas variantes em relação às variáveis sociais gênero, idade e escolaridade, buscando verificar possíveis correlações entre os perfis dos informantes e as escolhas lexicais realizadas. Isso corresponde ao segundo objetivo específico que gira em torno da análise da influência das variáveis sociais gênero, idade e escolaridade na escolha dessas denominações.

E, na seção 4.3, são analisadas as percepções, os estigmas e os processos de valorização evidenciados nas respostas dos participantes, que correspondem ao terceiro objetivo específico, considerando como as denominações empregadas podem revelar crenças, julgamentos sociais e representações construídas em torno da Umbanda e de seus praticantes.

4.1 Das denominações atribuídas ao termo “umbandista”

Nesta subseção, serão apresentadas e analisadas todas as variantes lexicais coletadas nesta pesquisa. O termo investigado, foi definido com base no Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os itens lexicais do referido Atlas encontram-se organizados em 14 campos semânticos, dentre os quais se destaca o campo Religião e Crenças, no qual se insere esta investigação.

O questionário foi semiestruturado, com o objetivo de identificar as denominações utilizadas pelos falantes da comunidade pesquisada e para que fossem atingidos todos os objetivos. Com base nas perguntas dos questionários, ao total, foram identificadas 21 variantes. A frequência em que tais variantes ocorreram e a porcentagem da ocorrência estão no quadro 2.

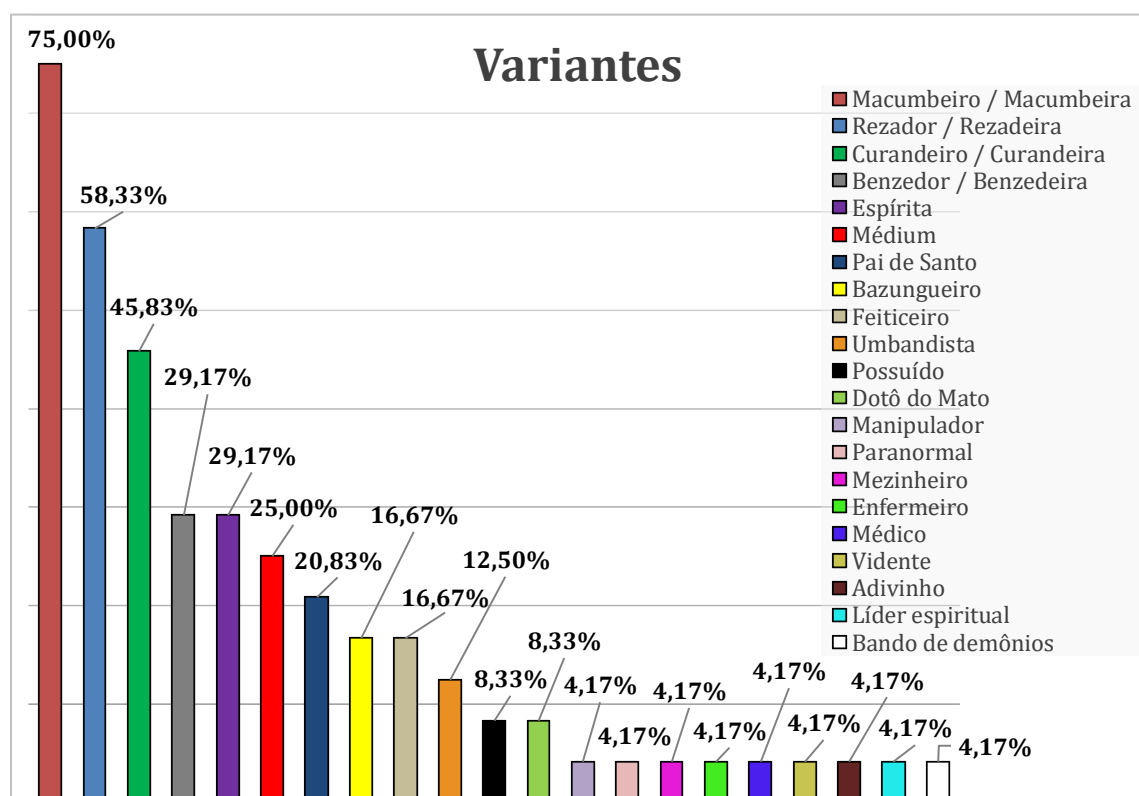
Quadro 2 – As variantes com número e porcentagem de ocorrências

VARIANTE LEXICAL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
<i>Macumbeiro / Macumbeira</i>	18/24	75,00%
<i>Rezador / Rezadeira</i>	14/24	58,33%
<i>Curandeiro / Curandeira /</i>	11/24	45,83%
<i>Benzedor / Benzedeira</i>	7/24	29,17%
<i>Espírita</i>	7/24	29,17%
<i>Médium</i>	6/24	25,00%
<i>Pai de Santo</i>	5/24	20,83%
<i>Bazungueiro</i>	4/24	16,67%
<i>Feiticeiro</i>	4/24	16,67%
<i>Umbandista</i>	3/24	12,50%

<i>Possuído</i>	2/24	8,33%
<i>Dotô do Mato</i>	2/24	8,33%
<i>Manipulador</i>	1/24	4,17%
<i>Paranormal</i>	1/24	4,17%
<i>Mezinheiro</i>	1/24	4,17%
<i>Enfermeiro</i>	1/24	4,17%
<i>Médico</i>	1/24	4,17%
<i>Vidente</i>	1/24	4,17%
<i>Adivinho</i>	1/24	4,17%
<i>Líder espiritual</i>	1/24	4,17%
<i>Bando de demônios</i>	1/24	4,17%

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Gráfico 1 – Percentual de ocorrência



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos pelos informantes às denominações utilizadas, buscamos identificar o significado de cada variante registrada por meio das definições disponíveis no Aulete Digital (AULETE, [s.d.]). A fim de compreender os significados convencionalmente associados a essas unidades lexicais e assim auxiliar na interpretação das representações sociais que podem estar relacionadas a essas escolhas.

Observamos que *macumbeiro/macumbeira* foi a variante mais recorrente, com dezoito ocorrências (75,00%). Segundo a versão on-line do dicionário Aulete (s/d), o termo

macumbeiro/macumbeira é definido como aquele que pratica ou participa de rituais relacionados à macumba. Contudo, embora a definição apresente um caráter aparentemente neutro, o uso social da palavra frequentemente assume conotações pejorativas, sendo empregada de forma estigmatizada para designar praticantes de religiões de matriz africana.

A segunda variante mais frequente foi *rezador/rezadeira*, com 14 ocorrências (58,33%). Essa denominação remete à prática de rezas e benzeduras, tradicionalmente associadas à religiosidade popular. De acordo com o dicionário Aulete (s/d), há três significados para a variante, dentre as quais destacamos a terceira interpretação: “Uma Pessoa a quem se atribui o poder da cura fazendo rezas; Benzedeiro; Curandeiro.”

A terceira variante mais recorrente foi *curandeiro/curandeira* que apresentou 11 ocorrências (45,83%), também umas das denominações mais frequentes atribuídas ao termo investigado. De modo geral, o termo é utilizado para designar indivíduos que realizam práticas de cura por meio de conhecimentos tradicionais, recursos naturais e elementos de natureza espiritual. Para o dicionário em questão, a denominação refere-se a pessoas que tratam de doentes por meio de rezas e feitiçarias.

A quarta variante *benzedor/benzedeira* apresentou 7 ocorrências (29,17%). De acordo com o uso corrente da língua, o benzedor ou benzedeira é a pessoa que realiza benzeduras, rezas e práticas populares de cura, geralmente associadas à religiosidade popular e à transmissão de saberes tradicionais. Conforme o Aulete Digital, *benzedor* ou *benzedeira* é aquele que exerce a função de benzer, supostamente defendendo indivíduos de feitiços e curando doenças e maus-olhados por meio de rezas e práticas tradicionais.

A variante *espírita* apresentou 7 ocorrências (29,17%), uma das variações mais recorrentes atribuídas ao termo investigado. Para o dicionário, espírita é referente a religião do espiritismo, relacionando que se refere a quem acredita ou pratica a religião do espiritismo.

A variante *médium* registrou 6 ocorrências (25,00%). Para o referido dicionário, o termo médium está ligado a pessoas que supostamente possui o dom de perceber coisas por meios sobrenaturais.

A variante *pai de santo* apresentou 5 ocorrências (20,83%). Conforme Aulete (s/d), o termo designa um Guia espiritual ou chefe de local de culto do candomblé e da umbanda.

A variante *bazungueiro* apresentou 4 ocorrências (16,67%). Normalmente, no referido município, essa denominação popular é utilizada pelos bernardenses, para se referir, de forma genérica, a pessoas envolvidas com práticas espirituais. Pesquisando o termo no dicionário em questão, não foi encontrado nenhum significado.

Possivelmente, o termo esteja relacionado a vocábulos de origem africana incorporados ao português brasileiro. No entanto, na ausência de registros lexicográficos que permitam confirmar sua etimologia e significado, não é possível estabelecer com precisão sua origem ou os sentidos que motivaram sua utilização pelos informantes.

A variante *feiticeira* apresentou 4 ocorrências (16,67%). Conforme o Aulete (s/d), o significado dessa lexia está ligado a homens que fazem feitiços; atribuindo também termos como bruxo e mago.

A variante *umbandista* apresentou apenas 3 ocorrências (12,50%), apesar de corresponder à denominação específica do termo investigado. A palavra refere-se aos adeptos da religião umbanda. O baixo índice de ocorrência dessa variante chama atenção, uma vez que ela constitui a forma mais precisa para designar o praticante da religião. Em contrapartida, observamos uma frequência maior de denominações genéricas.

A variante *possuído* apresentou 2 ocorrências (8,33%). Segundo o dicionário lexicográfico consultado, o termo designa algo ou alguém dominado por uma força maior, desconhecida ou sobrenatural; que sofre uma possessão. É válido pontuar que, assim como a maioria das variantes registradas, a variante *possuído* carrega uma carga pejorativa, uma vez que o termo é diariamente associado a interpretações negativas, e esses estereótipos podem contribuir para a construção de representações negativas sobre os praticantes da religião.

A variante *dotô do mato* apresentou 2 ocorrências (8,33%). Uma expressão popular utilizada para designar pessoas que realizam curas, geralmente relacionados ao uso de ervas, plantas medicinais e práticas transmitidas pela cultura popular. A lexia da forma como foi encontrada não apresenta significado no dicionário em questão.

A variante *manipulador* apresentou apenas 1 ocorrência (4,17%). Conforme o sentido mais recorrente registrado, o termo refere-se aquele que manipula algo ou alguém.

A variante *paranormal* registrou 1 ocorrência (4,17%). O termo segundo o dicionário utilizado para se referir a pessoas ou objetos que estão fora da normalidade, ou seja, que não podem ser explicados pela lógica ou pela ciência.

Outra variante encontrada foi *mezinheiro*, com uma ocorrência (4,17%). O termo designa a pessoa que prepara ou utiliza mezinhas, que seriam, remédios caseiros elaborados a partir de conhecimentos repassados, geralmente relacionados ao uso de ervas e outros recursos naturais.

A variante *enfermeiro* registrou 1 ocorrência (4,17%). É sabido que o termo é atribuído ao profissional da área da saúde. Mas a ocorrência dessa denominação pode indicar que o informante associou o praticante da Umbanda à ideia de cuidado ou auxílio ao próximo.

Assim como a variante *médico* que apresentou 1 ocorrência (4,17%). O termo designa o profissional habilitado para diagnosticar, tratar e prevenir doenças, mas o informante pode atribuí-lo ao o praticante da Umbanda pela associação a práticas de cura.

A variante *vidente* apresentou 1 ocorrência (4,17%). Conforme o dicionário consultado, o termo designa a pessoa que supostamente possui a capacidade de prevê acontecimentos, informações ou situações por meios sobrenaturais ou extrassensoriais.

A variante *adivinho* apareceu uma vez (4,17%). Segundo o dicionário, é a pessoa que afirma prever acontecimentos ou revelar fatos ocultos por meios considerados sobrenaturais ou intuitivos.

A variante *líder espiritual* apareceu uma vez (4,17%). De acordo com o dicionário, refere-se à pessoa que orienta e conduz outras em questões de natureza religiosa, espiritual ou moral.

E a variante *bando de demônios* apareceu uma vez (4,17%). Essa expressão designa um grupo de demônios ou seres malignos, geralmente associada a crenças religiosas e representações do sobrenatural.

Essas foram todas as variantes encontradas, assim como seu respectivo significado pelo dicionário *Aulete Digital*. Observamos que a maioria das dominações atribuídas aos praticantes da Umbanda são termos genéricos, em que os informantes procuraram enquadrá-los em categorias amplas, como, por exemplo, o uso das variantes *médico*, *enfermeiro* e *vidente*.

Além disso, algumas variantes de caráter pejorativo, como, *macumbeiro*, *bazungueiro* e *bando de demônios*, revela processos de estigmatização. Essas formas de nomeação evidenciam representações sociais que, em alguns casos, simplificam, generalizam ou desqualificam os adeptos da religião, revelando a presença de estereótipos e preconceitos em torno da Umbanda e de seus praticantes.

4.2 Análise das variáveis sociais

Nesta seção, objetivamos discutir os dados a partir das variáveis sociais que foram dimensionadas para o estudo. Assim, a dividimos em três partes, a considerar a variável gênero, idade e escolaridade.

4.2.1 A variável gênero

Referente à análise da variável gênero, foi possível identificar que algumas variantes apareceram em maior frequência tanto entre os informantes do sexo masculino quanto entre os do sexo feminino. Com base na tabela 1, é possível interpretar que as mulheres apresentaram um comportamento lexical mais conservador, enquanto os homens demonstraram maior diversidade nas variantes utilizadas.

Tabela 1 – Amostra das variantes por gênero

Variantes lexicais	Masculino	Porcentagem	Feminino	Porcentagem
<i>Macumbeiro/Macumbeira</i>	9/12	75%	9/12	75%
<i>Rezador / Rezadeira</i>	7/12	58,33%	8/12	66,7%
<i>Curandeiro / Curandeira</i>	5/12	41,7%	5/12	41,7%
<i>Benzedor / Benzedeira</i>	2/12	16,7%	5/12	41,7%
<i>Espírita</i>	2/12	16,7%	4/12	33,3%
<i>Médium</i>	3/12	25%	3/12	25%
<i>Pai de Santo</i>	3/12	25%	2/12	6,7%
<i>Bazungueiro</i>	3/12	25%	0/12	0%
<i>Feiticeiro</i>	3/12	25%	1/12	8,3%
<i>Umbandista</i>	1/12	8,3%	2/12	16,7%
<i>Possuído</i>	2/12	16,7%	0/12	0%
<i>Dotô do mato</i>	1/12	8,3%	1/12	8,3%
<i>Manipulador</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Paranormal</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Mezinheiro</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Enfermeiro</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Médico</i>	0/12	0%	1/12	8,3%
<i>Vidente</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Adivinho</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Líder espiritual</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Bando de demônios</i>	1/12	8,3%	0/12	0%
<i>Religiões de matrizes africanas</i>	0/12	0%	1/12	8,3%%

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Observamos que as denominações *macumbeiro(a)*, *rezador(a)* e *curandeiro(a)* foram as variantes mais recorrentes em ambos os gêneros. Na variante *macumbeira/macumbeiro* houve um percentual de 75% em ambos. Tratando da variável *rezador/rezadeira* no sexo masculino houve um total de 58,3% de ocorrência enquanto nas mulheres esse percentual aumentou para 66,7%, já a lexia *curandeiro/curandeira* prevaleceu o mesmo percentual entre ambos, com 41,7%. Essas variantes foram as mais recorrentes entre ambos. Essas categorias aparecem com altos índices nos dois gêneros.

Para além disso foi possível observar algumas diferenças em outras variantes, observamos que as escolhas das variantes utilizadas pelas mulheres possuem menor carga negativa. As mulheres foram mais conservadoras em suas escolhas lexicais. Observamos que termos, como: *bazungueiro*, *possuído*, *bando de demônios*, *paranormal* e *manipulador* foram variantes que as mulheres não usaram.

Para além disso, Labov (2008) explica que o comportamento linguístico feminino parte de três fatores: a primeira é o conservadorismo, especialmente tratando de mulheres com poder aquisitivo maior, pois as mesmas tendem a empregar com maior frequência formas linguísticas mais próximas da norma padrão da língua.

O segundo fator é o status social, ou seja, a sua posição dentro da estrutura social e o terceiro fator é a solidariedade. Labov sugere que as mulheres estão inseridas em redes sociais menos densas e menos normatizadas do que as dos homens, o que acarreta maior flexibilidade no uso das variantes linguísticas, ao passo que os homens estariam mais submetidos à pressão decorrente da sua participação em grupos sociais.

Ao analisar todas as variantes utilizadas pelo gênero feminino em oposição ao desfavorecimento a esse uso por parte dos homens, observamos que eles utilizam uma designação com uma carga mais pejorativa em comparação às mulheres. A maior incidência de variantes ocorridas exclusivamente no gênero masculino foram: *possuídos* (16,7%), *manipulador* (8,3%), *paranormal* (8,3%), *adivinho* (8,3%), *vidente* (8,3%) e *bando de demônios* (8,3%). Embora outras variantes tenham sido registradas, essas foram encontradas especificamente no gênero masculino.

O motivo da escolha das lexias pelo gênero masculino possivelmente pode ser explicado por Alves (2004), que pontua:

O sistema de gênero, com sua hierarquização supostamente natural, atribui ao feminino um lugar secundário e inferior, além de apresentar um conjunto de práticas e situações como presumivelmente masculinas, que funcionam como atributos de distinção entre homens e mulheres, atributos estes que não são adotados por todos os homens, mas que servem como referência simbólica no processo de formação das identidades de gênero (Alves, 2004, p. 29-30).

Ainda com os inúmeros debates, é possível observar traços do patriarcalismo, em que se atribui aos homens e às mulheres papéis sociais diferentes e isso influencia sua forma de expressão. Sendo assim, a maior incidência dessas variantes pejorativas no gênero masculino evidencia não apenas o desconhecimento sobre a religião e seus adeptos, mas também a reprodução de estereótipos que foram historicamente construídos e reforçados pela linguagem.

Essa interpretação é apenas uma hipótese dos dados obtidos nesta pesquisa, não estamos afirmando que o gênero masculino, de forma geral, utilize expressões depreciativas do que o feminino. Os resultados apenas indicam que, entre os participantes investigados, os homens recorreram com maior frequência a variantes de caráter pejorativo para se referirem aos praticantes da Umbanda.

4.2.2 A variável idade

Para a coleta de dados, os informantes foram distribuídos em três faixas etárias: Faixa Etária I (18 a 35 anos), Faixa Etária II (36 a 55 anos) e Faixa Etária III (56 anos ou mais). Em cada faixa etária foram entrevistados quatro homens e quatro mulheres, totalizando oito informantes por grupo. Para melhor compreensão dos resultados, as ocorrências foram organizadas em tabela de acordo com a as ocorrências em cada uma das faixas etária. Para possibilitar a observar a distribuição dessas variantes.

As porcentagens apresentadas nas tabelas foram calculadas em relação ao número de informantes de cada faixa etária, composto por oito entrevistados. Dessa forma, cada percentual representa a proporção de participantes que mencionaram determinada variante lexical.

Abaixo, mostramos a tabela com todas as ocorrências.

Tabela 2 – Amostra das variantes por faixa etária

Variantes lexicais	Faixa etária 1	Faixa etária 2	Faixa etária 3
<i>Macumbeiro/Macumbeira</i>	100%	75%	37,5%
<i>Rezador / Rezadeira</i>	87,5%	37,5%	62,5%
<i>Curandeiro / Curandeira</i>	25%	50%	50%
<i>Benzedor / Benzedeira</i>	25%	37,5%	25%
<i>Espírita</i>	12,5%	37,5%	37,5%
<i>Médium</i>	12,5%	25%	25%
<i>Pai de Santo</i>	25%	12,5%	25%
<i>Bazungueiro</i>	0%	37,5%	12,5%
<i>Feiticeiro</i>	0%	25%	25%
<i>Umbandista</i>	12,5%	25%	0%
<i>Possuído</i>	12,5%	0%	0%
<i>Dotô do mato</i>	0%	0%	25%
<i>Manipulador</i>	12,5%	0%	0%
<i>Paranormal</i>	12,5%	0%	0%
<i>Mezinheiro</i>	0%	12,5%	0%
<i>Enfermeiro</i>	0%	0%	12,5%
<i>Médico</i>	0%	0%	12,5%
<i>Vidente</i>	0%	0%	12,5%

<i>Adivinho</i>	0%	0%	12,5%
<i>Líder espiritual</i>	0%	0%	12,5%
<i>Bando de demônios</i>	0%	0%	12,5%
<i>Religiões de matrizes africanas</i>	12,5%	0%	0%

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Na Faixa Etária I (18 a 35 anos), observamos que a variante lexical de maior ocorrência foi *macumbeiro(a)*. Em seguida, destacamos a variante *rezador(a)*. As variantes *curandeiro/curandeira*, *benzador(a)* e *pai de santo*, foram registradas por 2 dos 8 informantes. Por sua vez, as variantes *espírita*, *médium*, *umbandista*, *possuído*, *manipulador*, *paranormal* e *religiões de matrizes africanas* apresentaram menor frequência, sendo empregadas por 1 dos 8 participantes, cada.

Para tentar entender o uso dessas variantes pela faixa etária em questão: Freitag (2011) discorre que:

A idade é uma das três supercategorias sociais nas sociedades industrializadas modernas, junto com a classe e o sexo, e seu atributo social é a correlação primária com a mudança linguística. Intuitivamente, percebemos a influência da idade nos processos de variação e mudança linguística: uso de uma expressão “fora de moda”, gírias desatualizadas, enfim, percebemos que o tempo passou e ainda guardamos traços daquela época em nosso repertório linguístico. (Freitag, 2011, p. 46).

Sobre a faixa etária I, os resultados demonstram que os falantes mais jovens tendem a selecionar determinadas variantes em detrimento de outras. Durante as entrevistas, observamos que os participantes dessa faixa etária empregavam algumas denominações em tom de sarcasmo. Sendo assim, foi perceptível que as variantes encontradas sugerem que não se relaciona apenas à variável idade, mas está ligada também às representações socioculturais construídas pelos falantes acerca dessas práticas religiosas.

Observemos que a variante *macumbeiro(a)* apresentou diferenças de uso entre as faixas etárias analisadas. A variante foi utilizada por 100% dos informantes da primeira faixa etária, 75% da segunda faixa etária e 37,5% da terceira faixa etária. Um dado que merece destaque é que apenas 37,5% dos participantes da terceira faixa etária utilizaram essa variante, indicando uma frequência significativamente menor em comparação às demais. Esse resultado sugere que a idade pode influenciar as escolhas lexicais dos falantes, uma vez que diferentes gerações tendem a empregar denominações distintas.

Destacamos, por exemplo, a ocorrência da variante *umbandista*, que foi encontrada nessa faixa etária e é a variável adequada para designar os praticantes da Umbanda. Os dados

mostram que a variante *umbandista* foi utilizada por 12,5% dos informantes da primeira faixa etária, 25% da segunda faixa etária e 0% da terceira faixa etária.

Destacamos que nenhum participante da terceira faixa etária empregou essa denominação. Esses resultados sugerem que o uso da variante *umbandista* é pouco recorrente entre os entrevistados, especialmente entre os informantes mais velhos, evidenciando que a faixa etária pode influenciar as escolhas lexicais relacionadas à referência aos praticantes da religião.

Entretanto, os mesmos informantes também recorreram a outras formas de nomeação, como *macumbeiro*, *possuído*, *manipulador* e *paranormal*, termos que não condizem com a identidade religiosa dos sujeitos referidos e que podem refletir estereótipos e diferentes formas de percepção social presentes na comunidade investigada.

Nesse sentido, os dados corroboram com o que Freitag (2011) discorre de que a idade constitui um importante fator de variação linguística, uma vez que os falantes mais jovens tendem a ressignificar determinadas expressões em seu repertório lexical. Todavia, os resultados também indicam que a seleção dessas variantes é influenciada por fatores sociais e culturais mais amplos, que ultrapassam a variável etária como, por exemplo, as representações coletivas sobre as religiões de matriz africana no contexto da comunidade pesquisada.

Na Faixa Etária II, a variante lexical de maior ocorrência foi *macumbeiro/macumbeira*, utilizada por 6 dos 8 informantes. Em seguida, destacamos a variante *curandeiro/curandeira*, mencionada por 4 dos 8 entrevistados. As variantes *rezador/rezadeira*, *benzedor/benzedeira* e *bazungueiro* foram registradas por 3 dos 8 participantes. Já as variantes *médium*, *feiticeiro* e *umbandista* foram empregadas por 2 dos 8 informantes. Por sua vez, *pai de santo* e *mezinheiro* apresentaram menor frequência, sendo mencionadas por apenas 1 dos 8 entrevistados. Observamos que na Faixa Etária I, comparada à Faixa Etária II, houve uma maior diversificação de variantes, assim como o aumento da frequência de outras.

Embora a variante *macumbeiro/macumbeira* tenha sido mais recorrente na primeira faixa etária, na segunda, sua ocorrência foi menor em relação à primeira, na qual foi mencionada por todos os informantes. Observamos, ainda, um aumento de variantes como *curandeiro/curandeira* e o aparecimento da designação *bazungueiro* e *mezinheiro*, lexis ausentes na Faixa Etária I. Destacamos, também, a variante *umbandista*, mencionada por 2 dos 8 entrevistados, percentual superior ao encontrado na Faixa Etária I, em que apenas um informante empregou essa denominação.

Destacamos que o fato de algumas variantes se apresentarem mais em uma faixa etária ou em outra, não anula a interferência de outros fatores. Como bem pontua Freitag (2011), o

controle da variável faixa etária é válido para os estudos sociolinguísticos, desde que sejam considerados os demais fatores sociais que se articulam a essa variável.

Comparada às demais faixas etárias, a Faixa Etária III apresentou menor ocorrência da variante *macumbeiro/macumbeira* e maior frequência das variantes *rezador/rezadeira* e *curandeiro/curandeira*. Além disso, observamos o surgimento de denominações como *dotô do mato*, *enfermeiro*, *médico*, *vidente*, *adivinho*, *líder espiritual* e *bando de demônios*, conforme mostra a tabela 2.

Freitag (2011) sugere que os falantes mais velhos tendem a recorrer a denominações mais tradicionais, e também a expressões construídas a partir de suas experiências, a autora discorre que os idosos com a aposentadoria tendem a se libertar de determinadas pressões sociais características da vida adulta, apresentando um comportamento linguístico mais relaxado e menos sujeito ao rigor normativo.

Aqui queremos abrir uma exceção para a ocorrência da variante *bando de demônios*, que foi mencionada pelo informante 21 da Faixa Etária III. Essa denominação foi empregada por um entrevistado idoso e a escolha dessa variante pode estar ligada às suas percepções e crenças. Embora a variável religião não tenha sido selecionada como fator de análise neste estudo, consideramos a possibilidade de que a escolha dessa variante tenha sido influenciada por ele ser adepto à religião cristã, já que o mesmo se declarou evangélico. Todavia, tal interpretação constitui apenas uma hipótese explicativa e não permite estabelecer uma relação de causalidade, uma vez que a pesquisa não teve como objetivo investigar a influência da variável religião sobre o emprego das variantes lexicais.

4.2.3 A variável escolaridade

Para a análise da variável escolaridade, foram selecionados quatro níveis de instrução: analfabetos, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior todos completo ou em andamento. Assim, para cada nível de escolaridade, houve 6 informantes das três faixas etárias.

Dessa forma, por exemplo, o grupo dos analfabetos é composto por 6 informantes pertencentes. A Tabela 7 apresenta a frequência das ocorrências das variantes lexicais ocorridas entre os analfabetos.

Tabela 3 – Amostra das variantes por escolaridade

Variantes lexicais	Analfabetos	Ensino Fundamental	Ensino médio	Ensino superior
---------------------------	--------------------	---------------------------	---------------------	------------------------

<i>Macumbeiro/Macumbeira</i>	5/6	3/6	5/6	5/6
<i>Rezador / Rezadeira</i>	5/6	2/6	3/6	5/6
<i>Curandeiro/Curandeira</i>	2/6	4/6	3/6	1/6
<i>Benzedor / Benzedeira</i>	1/6	2/6	3/6	1/6
<i>Espírita</i>	1/6	1/6	2/6	3/6
<i>Médium</i>	1/6	3/6	0/6	2/6
<i>Pai de Santo</i>	1/6	1/6	2/6	1/6
<i>Bazungueiro</i>	2/6	1/6	0/6	1/6
<i>Feiticeiro</i>	2/6	1/6	1/6	0/6
<i>Umbandista</i>	1/6	0/6	0/6	2/6
<i>Possuído</i>	0/6	0/6	1/6	0/6
<i>Dotô do mato</i>	2/6	0/6	0/6	0/6
<i>Manipulador</i>	0/6	0/6	1/6	0/6
<i>Paranormal</i>	0/6	0/6	1/6	0/6
<i>Mezinheiro</i>	1/6	0/6	0/6	0/6
<i>Enfermeiro</i>	1/6	0/6	0/6	0/6
<i>Médico</i>	1/6	0/6	0/6	0/6
<i>Bando de demônios</i>	0/6	0/6	1/6	0/6

Fonte: dados da pesquisa (2026).

A análise da variável escolaridade evidenciou que algumas variantes lexicais estão presentes em todos os níveis, indicando que o uso dessas formas não está restrito ao grau de escolarização dos informantes. Por outro lado, observamos a ocorrência de variantes menos esperadas em determinados níveis de instrução. Um exemplo é a variante *umbandista*, utilizada por um informante analfabeto (1/6), o que indicou que a forma adequada para se referir aos adeptos da religião pode aparecer entre falantes com menor escolaridade, possivelmente em função de experiências pessoais. Isso evidencia que a escolaridade, por si só, não impede a circulação de formas estigmatizadas nem elimina a escolha por variantes linguísticas com menor ou maior carga negativa.

Além disso, variantes como *manipulador*, *paranormal* e *bando de demônios* foram registradas exclusivamente no ensino médio, enquanto termos como *dotô do mato*, *mezinheiro*, *enfermeiro* e *médico* ocorreram apenas entre os analfabetos. Já a variante *religiões de matrizes africanas* foi identificada apenas no ensino superior, e isso sugere uma possível associação entre maior escolarização e o uso de denominações mais neutras.

Costumamos esperar que os indivíduos mais escolarizados façam menor uso de formas socialmente marcadas e estigmatizadas. Entretanto, os resultados desta pesquisa apontam em outra direção. Entre os informantes com ensino superior, observamos uma frequência expressiva da variante *macumbeiro/macumbeira*, empregada por 5 dos 6 entrevistados, ao passo que a variante *umbandista* foi utilizada por apenas 2 participantes.

Esses dados sugerem que o maior nível de escolarização não implicou, necessariamente, o abandono de determinadas formas lexicalmente marcadas. Pelo contrário, as variantes mais difundidas na comunidade de fala continuam circulando mesmo entre indivíduos mais escolarizados, indicando que a escolha lexical é influenciada não apenas pela escolaridade, mas também por fatores socioculturais, pelas representações sociais e pelas experiências compartilhadas pelos falantes. Percebemos, ainda, que do ensino fundamental ao ensino superior há mudanças na distribuição de algumas variantes lexicais. Entretanto, determinadas formas permanecem recorrentes em todos os níveis de escolaridade.

4.3 Percepções, estigmas e/ou processos de valorização

Durante as entrevistas, foi possível observar alguns comportamentos nos participantes. Para que o terceiro objetivo específico desta pesquisa fosse atingido com exatidão, foi utilizado o gravador do celular para posterior análise, através desses áudios, captamos os elementos paralinguísticos importantes para essa etapa, como risos, pausas, mudanças na entonação e comentários mais espontâneos.

Destacamos que os trechos selecionados seguiram critérios alinhados ao terceiro objetivo específico da pesquisa, que consistiu em identificar a presença de estigmas e de processos de valorização da identidade linguística dos praticantes da Umbanda nos discursos dos participantes.

Para preservar a identidade dos participantes, os entrevistados foram renomeados na transcrição como Informante 1, Informante 2, sucessivamente, até o Informante 24.

O excerto analisado pertence ao Informante 5, participante do sexo masculino, com 27 anos de idade, pertencente à Faixa Etária I e com Ensino Médio completo. Foi feita, ao informante, a pergunta número 8 ainda do primeiro questionário: ¿Como você avalia esse termo que você utilizou? O termo utilizado foi *macumbeiro* que, para ele, é “pesado”, mas logo em seguida afirmou:

Informante 5: Porque isso aí não é de Deus, não. Fazendo aqueles bonequinhos, fazendo macumba com os bonequinhos, vêi... Deus me defenda.

Nesse excerto, observamos que o informante não atribui uma carga negativa propriamente ao item lexical empregado por ele, mas às práticas que, em seu imaginário, estariam associadas aos praticantes de umbanda, o informante generalizou utilizando o termo “bonequinhos” e a expressão “fazendo macumba” e isso revela uma representação social

estereotipada, onde o informante de uma forma genérica aproxima a Umbanda e seus praticantes a práticas de feitiçaria e de uma suposta realização de rituais semelhantes ao vodú. Logo em seguida, ele profere a expressão “*Deus me defenda*”, que é um dito popular que marca a rejeição e distanciamento, evidenciando assim uma percepção de medo em relação a essas práticas.

Nesse trecho, a variante utilizada é *macumbeiro*, que foi, inclusive, a mais recorrente na pesquisa. Embora o dicionário Aulete a defina como a pessoa que pratica a macumba, o uso social dessa palavra costuma carregar um sentido pejorativo quando é empregada para se referir aos praticantes das religiões de matriz africana.

O próximo excerto analisado pertence à Informante 6, participante do sexo feminino, com 26 anos de idade, pertencente à Faixa Etária I e com Ensino Médio completo.

A pergunta foi: ¿Como você denomina alguém que atende pessoas para resolver problemas espirituais? A informante utiliza inicialmente a variante lexical *espíritas* e, em seguida, menciona *pai de santo*. Entretanto, seu discurso vai além da simples nomeação:

Informante 6: Isso aí é os espíritas, né? Na hora que uma pessoa chega eles já sabem de tudo porque eles têm um negócio deles lá, pai de santo que eles buscam, lá diz tudo, eles sabem a vida da pessoa todinha, e na hora que você chega lá, eles dizem tudo da tua vida, e não é através do intermédio de Deus não, é do diabo mesmo (risos), é porque a gente sabe que só existe duas coisas, o bem e o mal, né? Então se a pessoa não tá fazendo as coisas de Deus então é do mal que tá ali...

Observamos que no trecho, “*não é através do intermédio de Deus não, é do diabo mesmo*”, seguido de risos, a informante fez uma associação entre as práticas religiosas da umbanda e os elementos considerados malignos. A informante no decorrer de toda a entrevista estabelece uma oposição entre o que considera pertencente a Deus e aquilo que associa ao mal.

A variante *espírita* apresentou sete ocorrências (29,17%), sendo uma das denominações mais recorrentes para o termo investigado. De acordo com o dicionário, *espírita* refere-se ao adepto ou praticante do Espiritismo. No entanto, em nossa pesquisa, essa variante foi utilizada para designar praticantes da Umbanda, evidenciando uma aproximação entre duas religiões distintas. Esse uso revela uma generalização presente no imaginário social, em que diferentes religiões mediúnicas são frequentemente confundidas ou agrupadas sob uma mesma denominação, desconsiderando suas especificidades doutrinárias e culturais.

Outro excerto ocorreu com o Informante 8, 22 anos, sexo feminino e com Ensino Superior em andamento, pertencente à Faixa Etária I. A ela foi feita a seguinte pergunta: ¿E você acha que as pessoas que frequentam essas religiões sofrem preconceito?

Informante 8: Sim, muito... tanto para as religiões, né? Tipo as cristãs também, porque eu acho que... assim, ninguém chega a conhecer um pouco. Acho que tudo que é esquisito, no olhar da outra pessoa, torna a pessoa estranha, né? A indiferença... e aí eles são muito... as pessoas são muito preconceituosas, porque querem se adequar sempre a uma só religião, só à cristã, ou a uma só crença. E aí eu acho que eles sofrem tanto por parte das pessoas ‘normais’, que não têm nenhum

No excerto, acima, a Informante 8 reconhece explicitamente a existência de preconceito contra os praticantes das religiões de matriz africana. Em sua percepção, esse preconceito decorre, sobretudo, do desconhecimento e da dificuldade de aceitar aquilo que é visto como diferente. Ao afirmar que *“tudo que é esquisito, no olhar da outra pessoa, torna a pessoa estranha”*, a entrevistada evidencia que a discriminação está relacionada às representações sociais construídas em torno dessas religiões e de seus praticantes.

Informante 21: Se eu visse esse grupo de pessoas, eu diria assim, nas minhas palavras: “Senhor, tenha misericórdia deles”. Se eles viessem falar comigo, aí eu ia ouvir o que era que eles tinham para dizer; provavelmente, nada concordando com Deus eles iam falar. Aí eu ia sentar e dizer: “Meu irmão, se vocês não deixarem isso aí de mão, não se arrependem, não chorarem, vocês não vão morar no céu nunca, meu irmão. Não estou dizendo que vocês são más pessoas; estou dizendo que vocês estão seguindo um rito maldoso. Não é que vocês sejam pessoas más — vocês podem ser pessoas boas e tudo mais —, mas estão seguindo um rito maligno.

Além disso, a informante destaca que o preconceito é tanto por pessoas sem vínculo religioso quanto por indivíduos ligados a determinadas instituições religiosas, especialmente quando procuram considerar apenas uma crença como legítima. Sua fala diferente dos outros de mesma escolaridade foi diferente, ela demonstrou uma postura crítica em relação à intolerância religiosa, apontando que os praticantes da Umbanda e de outras religiões de matriz africana que são frequentemente estigmatizados por serem percebidos como diferentes.

Outro excerto que evidencia percepções e estigmas em relação aos praticantes de Umbanda foi o do Informante 21, participante do sexo masculino, com 70 anos de idade, Ensino

Médio Completo e pertencente à Faixa Etária III (56 anos ou mais). Foi feita a seguinte pergunta: Como você chama as pessoas desta imagem?

Nesse excerto, observamos que o informante procura separar o praticante da religião das práticas religiosas que lhe atribui. Em diversos momentos, ele ressalta que os praticantes “não são más pessoas” e que “podem ser pessoas boas”, o que poderia demonstrar um reconhecimento positivo. Entretanto, ele ao mesmo tempo que afirma ele se contradiz e caracteriza a Umbanda como um “rito maldoso” e “rito maligno”, além de afirmar que seus adeptos não alcançariam a salvação se permanecessem nessa religião.

O informante ainda continua:

Informante :Eles não teriam como combater as minhas palavras; poderiam passar a vida inteira, mas não combateriam, porque eu tenho certeza do que estou falando, eu conheço. Então, se eu encontrasse essas pessoas, eu ia me livrar o máximo delas, para não conversar, porque a palavra de Deus está dizendo: “Feliz é o homem que não se assenta na roda dos escarnecedores, nem se detém no caminho dos maus feitores”. Ou seja, feliz é a pessoa que não concorda com eles, não anda junto, não concorda com nada disso. Mas não é discordar para brigar, não. Eu não concordo com as atitudes que eles tomam. Creio que, um dia, as pessoas cheguem ao entendimento. Eu não concordo com vocês, e talvez vocês não concordem comigo, mas a minha palavra é: “Que Deus lhes conceda entendimento para que vocês sigam os caminhos de Deus. Mas é como se eu tivesse vendo um bando de demônios

Nesse excerto, o informante intensifica sua percepção negativa em relação aos praticantes de Umbanda. Observamos que ele afirma que procuraria “se livrar o máximo” dessas pessoas e evitar qualquer contato com elas, e isso evidencia uma postura motivada por suas convicções religiosas já que o mesmo é adepto à religião cristã. Além disso, o participante recorre ao discurso bíblico para justificar sua posição, associando os praticantes a “maus feitores” e a pessoas das quais se deve manter distância.

Embora, em momentos anteriores, o informante tenha afirmado que os praticantes “não são más pessoas”, na declaração final ele ainda pontua “é como se eu estivesse vendo um bando de demônios”. Tal associação atribui, aos praticantes, características ligadas ao mal e ao demoníaco, reproduzindo discursos de intolerância religiosa historicamente direcionados à Umbanda e a outras religiões de matriz africana.

A expressão *bando de demônios* constitui uma das formas mais explícitas de estigmatização identificadas na pesquisa. Diferentemente de outras variantes, que podem decorrer de generalizações ou desconhecimento sobre a religião, essa expressão associa diretamente os praticantes da Umbanda a entidades malignas, atribuindo-lhes uma identidade negativa. Trata-se de um julgamento de valor que ultrapassa a simples nomeação do grupo religioso e evidencia a influência de discursos religiosos e de representações sociais que historicamente marginalizam as religiões de matriz africana.

A partir dessas análises, foi perceptível que poucos entrevistados apresentaram uma postura de reconhecimento e respeito em relação aos praticantes de Umbanda. Em alguns dos excertos analisados observamos a presença de discursos marcados por concepções estereotipadas, frequentemente associando a Umbanda e seus praticantes ao mal, à feitiçaria, ao demoníaco. Todas essas percepções são materializadas linguisticamente, sobretudo por intermédio das suas escolhas lexicais.

Além das escolhas lexicais empregadas pelos participantes, as gravações permitiram identificar importantes marcas discursivas, como risos. Esses elementos revelaram que os estigmas não se manifestam apenas por meio das palavras utilizadas, mas também pelas atitudes e avaliações implícitas presentes nas falas dos informantes.

Dessa forma, os dados analisados permitem concluir que as variações lexicais e os discursos produzidos pelos entrevistados refletem representações sociais historicamente construídas acerca das religiões de matriz africana. Tais representações oscilam entre processos de estigmatização e de valorização, mas revelam, predominantemente, a permanência de algumas lexias que carregam significados pejorativos, muitas das vezes utilizados com ou sem a real intenção de seu significado, e essas lexias ainda está presente no imaginário social do povo bernardenses.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo, investigar as variantes lexicais utilizadas para designar o praticante da Umbanda no município de São Bernardo (MA), analisando a influência das variáveis sociais gênero, idade e escolaridade nessas escolhas lexicais, bem como identificando as percepções, os estigmas e os processos de valorização presentes nos discursos dos informantes.

Os resultados aqui expostos evidenciaram que São Bernardo (MA) possui uma rica diversidade lexical, sendo identificadas vinte e uma variantes para o termo investigado. Entre as variantes encontradas destacaram-se *macumbeiro/macumbeira*, seguido de *rezador/rezadeira* e *curandeiro/curandeira*, enquanto a denominação *umbandista*, considerada a forma mais específica para designar os adeptos da religião, apresentou baixa frequência de ocorrência.

Esse resultado demonstra que, na comunidade investigada, há predominantemente usos linguísticos genéricos, no qual muitas das denominações que foram associadas aos praticantes foram construídas a partir de associações e outros com concepções estereotipadas sobre as religiões de matriz africana.

No que se refere às variáveis sociais, observamos que gênero, idade e escolaridade exerceram influência parcial sobre as escolhas lexicais. Em relação ao gênero, os homens recorreram com maior frequência a variantes de caráter pejorativo, enquanto as mulheres apresentaram escolhas lexicalmente mais neutras.

Quanto à faixa etária, constatamos que os participantes mais jovens utilizaram predominantemente a variante *macumbeiro/macumbeira*, ao passo que os mais velhos recorreram com maior frequência a denominações relacionadas às práticas tradicionais de cura, como *rezador/rezadeira* e *curandeiro/curandeira*.

Em relação à escolaridade, verificamos que um maior nível de instrução não implicou, necessariamente, o emprego de denominações mais adequadas ou menos estigmatizadas, uma vez que variantes socialmente marcadas permaneceram presentes em todos os níveis de escolarização.

Na análise qualitativa das entrevistas foi possível compreender que algumas das escolhas lexicais não remeteram somente à nomeação, mas refletem representações sociais construídas historicamente sobre a Umbanda e seus praticantes.

As gravações mostraram, que pausas, risos e comentários, não caracterizaram somente um diálogo comum, mas evidenciaram preconceitos, estereótipos, desconhecimento e, em

menor escala, manifestações de respeito e valorização da religião. Dessa forma, constatamos que os discursos dos participantes são atravessados por crenças e valores culturais que influenciam a maneira como os praticantes da Umbanda são percebidos e nomeados.

Os resultados confirmam os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, ao demonstrar que as escolhas lexicais utilizadas são condicionadas por extralinguísticos e estes refletem a realidade sociocultural da comunidade de fala. Além disso, a pesquisa evidencia que o léxico é um importante espaço de manifestação das representações sociais, tornando assim possível compreender como preconceitos e estigmas são reproduzidos por meio da linguagem.

Como limitação, destacamos que a pesquisa foi realizada em uma única comunidade de fala, com um número restrito de participantes e sem considerar variáveis como, religião, renda ou profissão, fatores que também podem influenciar as escolhas lexicais. Assim, pretendemos ampliar este estudo, considerando essas variáveis e contemplando outras comunidades, permitindo assim comparar os contextos socioculturais.

Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos sociolinguísticos e lexicais desenvolvidos no Maranhão, especialmente na cidade de São Bernardo e aqueles voltados às religiões de matriz africana. Além de ampliar o conhecimento sobre a variação lexical, este trabalho busca incentivar reflexões acerca do respeito à diversidade religiosa e do enfrentamento aos preconceitos e estigmas historicamente associados à Umbanda, reconhecendo a linguagem como um importante instrumento de construção e transformação das relações sociais.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. Sociolinguística. *In.*: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

ALVES, J. E. D. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: ENCE, 2004. 33p. (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=23121&view=detalhes>. Acesso em: 09 jul. 2026.

ARAÚJO, G. F. **A variação lexical para menstruação e entrar na menopausa nos dados do projeto atlas linguístico da região nordeste do Brasil**. 2023. Tese (Doutorado Pós-Graduação em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37837>. Acesso em: 14 jan. 2026.

AULETE, C. **Aulete Digital**. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 05 jun. 2026.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BERNARDO, J. L.; MENDES, E. de P. P. Manifestações culturais e léxico: crendices e religiosidade em contextos rurais do município de Catalão (GO). *In*: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia (MG). **Anais...** Uberlândia: UFU/LAGEA, 2012. p. 1-19.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Livros Técnicos e Científicos, 1978. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/703750784/Biderman-Teoria-Linguistica>. Acesso em: 09 jul. 2026.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Identidade linguística: o conceito em discussão. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 8, n. 16, p. 73–86, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8673075>. Acesso em: 14 maio. 2026.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, A. S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, A. S. Dialetologia. *In*: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (Orgs.) **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

CARELI, M. R. P. **A história da umbanda: ritos e rituais**. 2021. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Centro Universitário Internacional (UNINTER), [S. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/696>. Acesso em: 9 jul. 2026.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173–194, 2 Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>. Acesso em: 27 jun. 2026.

COELHO, I. L.; *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, v. 172, 2010. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC. Acesso em: 30 jan. 2026.

COELHO, I. L.; *et al.* **Para conhecer a sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, G. B. Tabus linguísticos no léxico religioso: um estudo geolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 28, n. 52, p. 44-53, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/sergi/Downloads/Tabus_Linguisticos_no_lexico_religioso_um_estudo_g.pdf. Acesso em: 09 jul. 2026.

COSTA, G. B. Denominações para o item lexical "diabo" em capitais do Brasil: um estudo geolinguístico com dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 9616-9628, 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Thiago/Downloads/Denominacoes_para_o_item_lexical_diabo_em_capitais%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Thiago/Downloads/Denominacoes_para_o_item_lexical_diabo_em_capitais%20(1).pdf). Acesso em: 9 jul. 2026.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, C. Semântica cultural. In: FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. (Orgs.) **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2019.

FERREIRA, R. R. **Variação linguística: um estudo sobre a variação lexical na fala dos discentes do curso de Letras do Instituto de Natureza e Cultura**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Natureza e Cultura, Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2024. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/8702>. Acesso em: 9 jul. 2026.

FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FREITAG, R. M. K. O social da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Revista Diadorim**, v. 8, n. 1, p. 43-58, 2011. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b757/a28ac862e714042ff3869abd6afc42d12b5f.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2026.

GUEDES, R. J. da C. Variação do Item Lexical Libélula nos Dados do Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará (ALEVA). **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 6, n. 3,

p. 01-18, 2024. Disponível em:
[file:///C:/Users/sergi/Downloads/ARTIGO+08+UFPI%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/sergi/Downloads/ARTIGO+08+UFPI%20(2).pdf). Acesso em 09 jun. 2026.

HISTÓRIA de São Bernardo. Prefeituras.info, [s.d.]. Disponível em:
<https://prefeituras.info/ma/sao-bernardo/historia-da-cidade>. Acesso em: 4 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: População e Domicílios - Primeiros Resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 56, p. 891-916, 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/alfa/a/LVLTytspwrDR3pym6Zhkxnd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2026.

JORGE, E. F. da C. Umbanda: a problemática questão de suas origens, o arranjo de sua cosmovisão. **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, n. 41, p. 153-164, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/4716>. Acesso em: 9 jul. 2026.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LUCCHESI, D. Introdução. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.) **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUNETTA, A. de; GUERRA, R. Metodologias e classificação das pesquisas científicas. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 5, n. 8, p. e585584-e585584, 2024. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/5584/3830>. Acesso em: 25 maio 2026.

MATTOZO, D. C. **Léxico do discurso religioso: um estudo comparado**. 2016. 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em:
https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_5642b3aa35ef68a616fdd977fb0568d2. Acesso em: 09 jul. 2026.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONGUILHOTT, I. O. S.; CHAVES, R. G.; COELHO, I. L. A variável idade: estudo da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 33, n. 3, p. 55-75, 2025. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/61405>. Acesso em: 09 jul. 2026.

NUNES, Marcelo Ferreira. **Etimologia e história da palavra "macumba" e seus significados**. 2024. 53 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2024. Disponível em: <https://share.google/gjMNE6C0H0cJBVtJO>. Acesso em: 9 jul. 2026.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/489186697/O-Que-e-Benzecao-Elda-Rizzo-de-Oliveira>. Acesso em 01.jul.2026.

PAULISTA, Maria Lucia Loureiro. Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia. **Revista Ecos**, v. 21, n. 02, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/sergi/Downloads/biblioteca,+1871-6376-1-CE.pdf>. Acesso em: 01 jul.2026.

PEREIRA, Isabel Cristine Meireles. **Tambor falou, caboclo cantou: uma reflexão acerca das metáforas conceituais nos pontos cantados do Tambor de Mina de São Bernardo/MA**. 2021. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4229>. Acesso em: 9 jul. 2026.

RAZKY, A.; COIMBRA, D.; COSTA, E. Variação léxico-semântica e agrupamento lexical do item cambalhota no atlas léxico-sonoro do Pará (ALESPA). **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 40, jul./dez., 2017. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao40/cronicas.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2026.

ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolinguística pluridimensional no Brasil. In: MOTA, J. A. *et al.* (Org.). **Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Salvador: Edufba, 2020. p. 11-39.

SANTOS, M. G. *et al.* Denominações para o item lexical 'Papagaio de Papel' no Amapá. **Revista Científica Sigma**, [S. l.], v. 5, p. 09-25, 2024. Disponível em: <https://iesap.edu.br/ojs/index.php/sigma/article/view/129>. Acesso em: 9 jul. 2026.

SILVA, A. S. **A arte do crochê como patrimônio imaterial da cidade de São Bernardo - MA**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Linguagens e Códigos) – Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2017. Disponível em: <https://www.monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/1542>. Acesso em: 09 jul. 2026.

SILVA, E. T. da. **Variação linguística na comunidade de livramento: um estudo de caso**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://tede2.unicap.br/bitstreams/cf756e23-bc5f-4626-a391-78fc2d427327/download>. Acesso em: 9 jul. 2026.

SOUSA, K. M. P.; SANTOS, G. **A variação semântico-lexical maranhense no campo convívio e comportamento social: uma análise dialetal do corpus constituído por questões específicas do ALiMA 2022**. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/7132>. Acesso em: 04 abr. 2026.

TRINDADE, D. F. **Iniciação à Umbanda**. São Paulo, Triade Editorial, 1986.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL), 17., 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2014. p. 1740-1749. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1026-1.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2026.

YIDA, V. As designações para o pão nosso de cada dia: a norma lexical do português brasileiro com base no corpus do Projeto ALiB. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 29, n. 1, p. 533-588, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/sergi/Downloads/17260-1125626874-2-PB%20(5).pdf. Acesso em: 09 jul. 2026.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHA DO INFORMANTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA PORTUGUESA

BLOCO 1 – PERFIL DO INFORMANTE

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE			
1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. () M B. () F	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
Nº:			
BAIRRO:			
CEP:			
7. ESTADO CIVIL: A. ☐ solteiro B. ☐ casado C. ☐ viúvo D. ☐ outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	

10. A. DOMÍCILOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:	
B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)	
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. ☐ especialização B. ☐ profissionalizante C. ☐ outros
13. QUE RELIGIÃO VOCÊ PRÁTICA?	15. 20. LOCAL DA ENTREVISTA:
14. DATA DA ENTREVISTA:	16. CIDADE:

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS LÍNGUA PORTUGUESA

BLOCO 2 – VARIAÇÃO LEXICAL

1. Como chamam aqui a mulher ou homem que tira o mau-olhado com rezas e que trata doenças com ervas e plantas?
2. Como você chama uma pessoa que recebe entidades durante rituais??
3. Como você chama alguém que atende pessoas para resolver problemas espirituais?
4. Como você chama as pessoas desta imagem?



Foto: Livia Barbosa/divulgação

5. Você conhece outros nomes para essas pessoas?
6. Já ouviu outras pessoas usarem esse termo? () Sim () Não
7. Em que situações você usa esse termo?

8. Como você avalia esse termo?

- ☐ Muito negativo
- ☐ Negativo
- ☐ Neutro
- ☐ Positivo
- ☐ Muito positivo

9. Por quê?

BLOCO 3 – PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO

10) Você acha que esse termo pode ser usado de forma ofensiva? ☐ Sim ☐ Não ☐ Depende

11) Você acha que pessoas que frequentam religiões de matriz africana sofrem preconceito? ☐ Sim ☐ Não

12) Já ouviu alguém usar palavras para ofender essas pessoas? ☐ Sim ☐ Não Se sim, quais?

13) Você acha que existem termos mais respeitosos que outros? ☐ Sim ☐ Não Se sim, quais?

14) Você evita usar algum termo? ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual(is) e por quê?

ANEXOS

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

VARIAÇÕES LEXICAIS EM DESIGNAÇÕES PARA A PALAVRA “UMBANDISTA” A PARTIR DOS USOS LINGÜÍSTICOS DE MORADORES DE SÃO BERNARDO (MA)

Pesquisadores Responsáveis: Discente Franciane Costa Silva e Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar. Esta pesquisa faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sendo orientada pelo Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim.

O objetivo desta pesquisa é investigar quais palavras e expressões as pessoas utilizam para se referir ao termo “umbandista” no município de São Bernardo (MA), buscando compreender como a linguagem usada no dia a dia reflete a cultura local, as formas de nomeação e possíveis percepções sociais sobre as religiões de matriz africana, e tem como justificativa a importância de valorizar a diversidade linguística da comunidade bernardense, bem como compreender como determinadas palavras podem expressar identidade cultural, respeito, preconceito ou estigmatização social.

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação serão os seguintes: Se aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação serão simples e de curta duração. O(a) participante responderá a uma entrevista e/ou questionário semântico-lexical, com perguntas sobre palavras e expressões usadas no cotidiano para designar praticantes de religiões de matriz africana. A entrevista será realizada de forma presencial, em local combinado, e terá duração média de 15 a 30 minutos. Com autorização prévia, as respostas serão gravadas em áudio apenas para fins acadêmicos, garantindo maior fidelidade na análise dos dados. O(a) participante também poderá ser convidado(a) a observar imagens ilustrativas e comentar quais palavras utiliza para nomear as situações apresentadas.

Toda pesquisa com seres humanos envolve algum tipo de risco. No nosso estudo, os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação na pesquisa são mínimos e podem incluir constrangimento ao responder perguntas relacionadas a crenças religiosas ou formas de nomeação utilizadas na comunidade. Para reduzir esses riscos, o(a) participante poderá recusar responder qualquer pergunta que cause desconforto, interromper sua participação a qualquer momento e solicitar esclarecimentos sempre que desejar. Além disso, será garantido o sigilo e a confidencialidade das informações fornecidas, evitando qualquer identificação pessoal nos resultados da pesquisa.

Contudo, esta pesquisa também pode trazer benefícios. A participação contribuirá para a valorização da cultura linguística local, para o combate ao preconceito linguístico e religioso e para o desenvolvimento de estudos acadêmicos sobre linguagem, identidade e sociedade em São Bernardo (MA). Os resultados poderão contribuir para futuras pesquisas, ações educativas e discussões sobre respeito à diversidade cultural e religiosa.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária. O(a) Sr.(a) não é obrigado(a) a participar e pode desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou penalidade. A recusa em participar ou a desistência não acarretará nenhum dano ou prejuízo ao participante.

Garantimos que todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, sendo preservado o anonimato dos participantes. Nenhum nome ou dado que permita sua identificação será divulgado em relatórios, artigos ou apresentações.

O(a) Sr.(a) não terá nenhum custo financeiro para participar da pesquisa, assim como não receberá pagamento pela participação. Caso ocorra algum problema ou dano com o(a) Sr.(a), resultante de sua participação na pesquisa, o(a) Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal.

É assegurada a assistência ao(à) participante durante toda a realização dessa pesquisa, sendo também garantido ao(à) Sr.(a) o livre acesso a todas as informações, esclarecimentos adicionais e orientações sobre o estudo, seus objetivos, procedimentos e possíveis consequências, antes, durante e após a sua participação. O(a) participante poderá entrar em contato com o pesquisador responsável sempre que desejar, para tirar dúvidas ou solicitar informações complementares.

Em caso de dúvidas, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis, Franciane Costa Silva, pelo telefone (98) 98144-9830, no endereço Rua Projetada, bairro Planalto, e/ou pelo e-mail: Franciane.cs@discente.ufma.br, bem como com o Prof. Dr. Thiago de Sousa Amorim, pelo e-mail amorim.thiago@ufma.br e telefone (86) 98313-151.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma via com o(a) participante da pesquisa e a outra com a pesquisadora responsável.

Declaração de Consentimento

Concordo em participar do estudo intitulado: “Variações Lexicais em Designações para a Palavra ‘Umbandista’ a partir dos Usos Linguísticos de Moradores de São Bernardo (MA)”, após ter sido devidamente informados(a) sobre seus objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios, estando ciente de que minha participação é voluntária e de que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

_____ Nome do participante _____ Assinatura do participante	Data: ____/____/____
---	-----------------------------

Eu, Franciane Costa Silva e Thiago de Sousa Amorim declaramos cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

_____ Assinatura do Pesquisador	Data: ____/____/____
---	-----------------------------

_____ Assinatura do Pesquisador	Data: ____/____/____
---	-----------------------------